

*He in p... ..*

*Jos. Ferris*

*off. ...*

OS REPROBOS

PQ  
9261  
P548R46  
1870  
c.1  
ROBARTS

*2 1/2*



3 1761 06184659 8



OS

REPROBOS

POR

ADRIANO ANTHERO DE SOUSA PINTO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

LIBRARY

OCT 05 2000

UNIVERSITY OF TORONTO

## Ao meu amigo Luiz Carlos Simões Ferreira

Ha muito já que os prologos foram banidos das chancellarias litterarias. O nosso seculo, eminentemente substancioso e progressivo, corta cada vez mais as excrescencias, de qualquer genero que sejam; tendo unicamente por mira a verdade simples como o absoluto que a substancia, concisa como expressão synthetica que é de tudo o que ha grande, eterno e sublime.

Nos tempos em que se adorava por excellencia a belleza plastica, em que o espirito gemia atrophiado sob o dominio da materia, os prologos tiveram, e deviam ter, um culto universal; havia nelles como a roupagem do pensamento total que predominava no livro; eram como a estatua profana levantada nas portas d'um templo. A exuberancia de formas, a superfluidade de ornatos nunca era de mais nesses tempos, em que o espirito geralmente não podia ir direito ao sol: precisava tactear primeiro a atmo-

sphera, para depois se não perder nos nevoeiros que surgissem.

Assim vemos nos primeiros tempos da Grecia a figura do prologo obrigada nas peças dramaticas. Depois, á proporção que os gregos foram caminhando e progredindo, a arte dramatica foi-se emancipando tambem d'esse jugo pesado e inutil. Aristophanes, esse vulto grandioso, que apenas desmerece para nós em ter sido causa indirecta da morte de Soerates, foi o primeiro a dar rebate para a nova era. Plauto, servindo-se dos prologos sómente para obter a attenção dos espectadores, e Terencio, terminando nelles com a parte narrativa, mostram que a humanidade a cada nova transformação ia tambem cortando nessas excrescencias litterarias.

Nos tempos de Luiz XIV, a pezar de quasi acabarem os prologos, o sensualismo dos costumes devia prejudicar necessariamente o devido espiritalismo

da litteratura; e é talvez por isso que Molière em algumas partes nos dá exemplo dos prologos antigos.

Shakspeare retirou os prologos da scena.

Finalmente o prologo dramatico, que tentou ainda reviver aos esforços de A. Dumas, morreu completamente ao sol radiante da moderna geração.

Os prologos dos mysterios, tão usados em França no seculo xv, os prologos das operas, tão frequentes no tempo de Luiz xiv, e que eram, segundo Denne-Baron «um altar á parte e obrigado, onde o poeta queimava o incenso ao grande rei, que este deos de Versailles vinha respirar todos os dias com voluptuoso orgulho», mostram ainda nas suas transformações o principio da simplificação, que preside a todos os elementos da desenvolução social.

A mesma revolução e a mesma tendencia se mostram tambem em outros factos semelhantes.

Os preambulos das leis, dos quaes já dizia Seneca «que nada parecia mais frio e inepto do que uma lei carregada d'um prologo», batidos de interdicção em França pelo decreto de 11 de agosto de 1792, têm sido geralmente supprimidos em todas as legislações.

No genero oratorio, aos exordios modelados de Cicero e ás velhas pragmaticas de Quintiliano, succederam os arrojados e infrenes de Castelar e de José Estevão.

Na poesia, ás obrigatorias invocações dos antigos poemas, que fizeram ver a Marmontel um specimen dos prologos dramaticos em Lucrecio e Milton, succedeu um espaço livre de todos os lados, sem área nem limites, como a ave que plana sobre as montanhas, tendo apenas por obstaculo a terra e o céo.

Hoje effectivamente mudaram-se as circumstancias. O character moral, que no meu entender mais distingue a actual humanidade, é esta aspiração de

gigante com que ella se afoita no caminho do progresso. Como o Prometheu da fabula, não ha barreiras que a conttenham; ergue-se incessante como a vaga, referve de continuo como a espuma, e arroja de todos os lados, como a cratera, a lava ardentissima da sua aspiração infinita. Nesta immensa vertigem, na febre d'esta batalha permanente, calca aos pés as superfluidades; nem sequer olha a areia que boia á superficie do oceano; e prende-se com olhos de aguia ao promontorio que tenta dominal-a.

Que significa pois actualmente um prologo? Ou o auctor confia pouco em si, ou na intelligencia dos leitores: em qualquer dos casos o prologo é para a litteratura, na analyse imparcial do livro recommendado por elle, uma exerescencia ou um insulto.

Na moderna civilisação existe, é verdade, uma cruzada. Cada nome que apparece á superficie é mais um combatente que vem alistar-se nas fileiras do

progresso; cada livro é mais uma arma com que se ha de derrubar o espectro da escuridade. Ha cinco mil annos que a humanidade busca incessantemente a terra sancta da perfectibilidade, e ha tambem cinco seculos que ella, depois de ter dormido largo somno, acordou finalmente no impulso irrequieto d'essa conquista sacrosancta.

Pois bem! Neste fogo indomavel, nesta cruzada constante apresente-se cada peregrino, não carregado como os antigos athletas, mas inoffensivo como os apostolos da verdade. Não ha sangue na lucta, nem se estreitam os corpos— medem-se apenas os espiritos; e para isso é mister que cada um se apresente livre e desembaraçado. São apenas no campo a luz e as trevas, a verdade e a ignorancia; e aquella não precisa de recommendações que a auctorisem, nem de rhapsodias que a estimulem.

Acontece porém na ordem litteraria o mesmo que

na ordem natural. Cada esphera que gyra no espaço tem a sua orbita regular, e de tempos a tempos os cometas, levados na necessidade que os fórça, transviãem-se como em delirio nas cumiadas do espaço.

Ao mar marcou Deos no primeiro dia da criação a praia como balisa, e é certo que varias vezes a infrene convulsão de seu seio o tem revoltado contra a lei que lhe preside.

O vulcão que se queima, como a inveja, no fogo da sua ira, tem como leito de Procusto a cratera onde referve; e de períodos a períodos galga as seranias que o escondem, transpõe os diques que o reprezam, e vai escumante de effervescencia, sem lei e sem norte, nas praias do seu leito.

Para mim o mesmo caso. Era preciso de algum modo justificar o titulo do meu poema, titulo com que me acostumei desde as primeiras linhas; com

que o livro foi baptisado na sua infancia; e que eu hoje não poderia mudar sem estremecimento. Alem d'isto preciso nesta occasião de vasar alguma cousa d'este fogo interior que me consome; preciso de destapar num seio amigo a urna da recondita fraternidade que me leva em mysticismo aos reprobos do poema. É por isso que lhe escrevo, meu caro Luiz Carlos, porque sei que se não rirá d'estas pobres linhas, e que terá um olhar de benevolencia para o amigo que lh'as escreve.

*Os Reprobos?!...* Haverá justificação possivel para este titulo? Transsuda porventura o poema a blasphemia que destroe, o sarcasmo que irrita, numa palavra, desentranha-se das trevas em cantos sacrilegos algum transviado de Deos? Por modo nenhum. O meu amigo notou pelo contrario em todo o livro, na primeira vez que o submetti á sua paciencia, deixou-me assim dizer, o mysticismo da dor que vê Deos

através de cada lagrima, e eleva ao céu em cada suspiro o incenso do martyrio.

A poesia, como tudo que é sublime, deveu sempre edificar, e a luz do inferno nada edifica; hoje porém esta necessidade tornou-se mais urgente e imperiosa.

O nosso seculo, á proporção que se adianta em melhoramentos materiaes, á proporção que revolve como o vulcão a terra que o limita, e quebra como a chrysalida as peias da obscuridade, é innegavel que se atola tambem cada vez mais no lodo que lhe conspurca a alma e o coração. Para contrabalançar a civilisação material e intellectual, surge como terrivel paradoxo a hydra do vicio e da immoralidade; e é certo que neste immenso lodaçal não basta acima de cada fronte o sol da dupla civilisação. É mister portanto levantar para cada individuo uma estrella de crença e de virtude. Sejamos nós os apóstolos.

Seja a poesia, com o seu ramo de oliveira e a sua chlamyde impolluta, a sacerdotisa d'esta inauguração. O fogo dos sacrificios ia direito ao céo; que a poesia siga o mesmo rumo, e deixe o scepticismo caminhar para o inferno.

O meu caro Simões Ferreira sabe muito bem que não tem havido reforma importante na sociedade que não tenha sido prégada pelo martyrio. Póde-se dizer que o Capitolio de toda a humanidade está edificado sobre o sangue e os prantos, e que paira continuamente sobre as rochas que o circumdam a espessa nuvem de luctos e de dores.

Neste caso a poesia, como filha dilecta do martyrio, embalada com prantos, fraternizando com os gemidos, identificada emfim com tudo o que é tristeza e dor, tem direitos de sobra á missão sublime.

Quem tem passado através dos seculos, esmagada nas aspirações, refugiada nas catacumbas do seu ge-

nio, comprimida na ancia dos seus arrojós, póde sem vergonha subir ao altar, e apostolisar d'ahi com a experiencia da sua historia. Ora um apóstolo deve pelo menos saber afugentar o demonio; e é por isso que eu desejava que os meus cantos fossem como um lago, reflectindo no fundo a imagem de Deos.

Não, meu amigo; o titulo do meu poema não foi vomitado por torrentes do inferno, como diz um escriptor francez por alguns cantos de Byron. *Os Reprobos* é um brado de angustia e fraternidade, a favor d'essa classe opprimida e desgraçada, que o cynismo chama poetas, e a minha recondita experiencia olha como martyres.

Em todas as epochas os grandes romeiros do progresso foram tidos e havidos como visionarios. Christo, o grande visionario da redempção; Colombo, o do novo mundo; Fulton, o da velocidade; finalmente,

Victor Hugo, o visionario da republica, se têm de ser eternamente recordados como satellites do progresso, é que os traços do seu esplendor existem ainda, e hão de existir sempre vivos e indeleveis na alma do homem ou na face do mundo. As nuvens ou o fumo da terra podem esconder o sol, mas os seus efeitos hão de sentir-se necessariamente; ha de aquecer a humanidade, e dar força, vida e seiva á natureza inteira. Assim tem sido com os grandes genios; e não obstante cada geração respectiva os tem apodado de loucos e fechado os olhos quando passa juncto d'elles, para não ver a luz que a deslumbra.

Demais, se o propheta canta em prosa a prophecia do progresso, concebe-se ainda que seja um delirio passageiro; vertigem de fogo que desvaira como a febre, mas que póde levar na sua torrente o escumalho da razão, para deixar sómente o cimento solido e edificante. Ai d'aquelle porém que pregôa em verso

a catechese da civilisação! Recai sobre elle o desprezo dos homens e o anathema do céo, que o marca na frente para o martyrio. Foi a favor d'estes infelizes que num momento de intimas lucubrações tracei sobre o papel a palavra — *Reprobos*.

Não quiz que a perola rolasse eternamente sob os pés da grandeza, sem levantar a favor d'ella um brado de piedade.

Ha entre os homens uma egualdade de sentimentos e desejos, quasi uma fraternidade de sortes, que se me figura como uma cadeia electrica, que transpõe as distancias, vibra através do globo, e por toda a parte, na altura ou no abysmo, na terra ou no mar, cada fuzil estremece ao contacto de outro que o incendeia, cada pedaço repercute as mesmas vibrações e o mesmo destino. É o que se tem dado e dará comigo. Os nomes de Ariosto, Camões, Chatterton e Dante, emfim dos grandes martyres da poesia, fize-

ram-me sempre estremecer: as vibrações ahi vão impressas no poema.

Ahi tem, Simões Ferreira, o que significa o titulo do meu primeiro livro. Não é brado de maldição, é antes de angustia profunda e de intima piedade.

O entrecho e desenlace do poema darão direito a essa piedade? Não sei.

Deixe, meu caro Luiz Carlos, imaginar-me no banco das sabbatinas, que para nós é o Colliseo, onde se arca peito a peito, se lucha braço a braço, e onde uns combatentes rolam estrangulados sob o peso do vencedor, que recebe nos louvores do presidente a corôa civica dos seus esforços. Lembra-se d'aquella sabbatina em que o nosso sancto e sempre lembrado lente de Direito Publico, depois de esgotada a materia, indicou ao ultimo arguente *um bocadinho de despotismo?* Então tentei eu, por necessidade, sustentar o despotismo; hoje sustento-o

por convicção: não o despotismo do governo, que é o maior attentado que possa imaginar-se depois da crucificação de Christo, mas o despotismo da sorte, o despotismo da fatalidade que se esconde nas trevas como o vampiro, e que fere traiçoeiramente, sem previdencia possível, como o reptil.

Seja consequencia da nossa actividade, rolando d'abysmo em abysmo, seja insondavel mysterio da Providencia, é certo que ha almas votadas de natureza ao sacrificio terrestre, que se desfolham como o lyrio a cada tufão, que se rasgam em cada silva como a açucena, que são como a concha batidas de cada vaga; numa palavra, que trazem em germen comsigo a imagem do calvario. O Zadig de Voltaire e a Manon Lescaut de Prevost que o digam.

Na ordem vegetal, meu caro amigo, a exuberancia de seiva torna os fructos enfezados e rachiticos; na ordem social tambem a força de vida e de calor

leva e devasta, na sua extravasação, a ventura e existencia. Como o vulcão, refervendo impotente na cratera que o limita, a vida d'aquelle a quem referve na frente alguma faisca do que Horacio chamou *mens diviniór*, ha de, mais tarde ou mais cedo, aluir-se necessariamente nas ruinas do incendio que a devora.

O genio é este novo Proteu do martyrio, que se reveste de varias formas na sua peregrinação; que não descança um momento sob o peso do seu angusto fadario, como o Ashawerus das tradições; e a quem o despotismo da sorte gravou no livro dos destinos o *væ victis!* dos romanos.

É esta fatalidade do genio, esta espada de fogo que persegue continuamente os poetas, que justifica, para mim, o pobre reprobado do meu poema. A fatalidade póde, como os sectarios do direito divino, tentar esconder a sua tyrannia e os seus crimes

dentro da legalidade; mas, na essencia, descobre-se facilmente a aspide que envenena, como se descobre a frente do despota através dos brilhantes de uma corôa. No meu livro eu vejo tambem, através dos accidentes voluntarios que levam o pobre trovador, através das circumstancias pessoaes que parecem determinál-o, a lei tremenda que o impelle, a sina de Dante e de Camões a cavar-lhe um abysmo aos pés. É nisto que está a sua justificação.



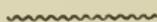
Adeos, meu caro Simões Ferreira; que, para o futuro, quando a porta de Minerva se fechar sobre a nossa mocidade, se algum dia lançar os olhos sobre estas linhas, ellas lhe tragam uma saudade do amigo que lh'as escreve.

Coimbra, 10 de março de 1870.



# CANTO I

## O Naufragio



Descai o sol no mar: por crepe as nuvens d'ouro,  
as ondas por cantor; e o immenso sorvedouro  
entr'abre-se em sepulchro ao rei da criação.

Mortalha que se agita, a vasta solidão  
desdobra-se, ao passar do vento que suspira  
em lugubre toada...

Arfar d'intima lyra,  
que anceio juvenil meu estro reconduz,  
nesta hora de saudade, atraz d'ignota luz,  
ás nuvens d'outro mundo, ás trevas d'outra edade?!...

Á larva que se agita, ó Deos, por caridade,  
 ao estro que se inflamma abri-lhe um dia o céu!...  
 Chrysalidas que sois, poetas, negro véo  
 acerca-vos de lucto — ephém'ro alvor da gloria!  
 Romeiros do infinito, aonde a vossa historia?!  
 Cometas, quem vos olha, augures, quem vos crê?!...  
 Mostrais a luz ao mundo? É cego que não vê  
 senão raios do sol! Os esplendores d'alma  
 só Deos os vê d'alem!... Prophetas, vossa palma,  
 se a vida se apagou nas sendas do penar,  
 dizei-me vós qual é? se á perola do mar  
 cahida sobre o lodo — ao genio viva imagem —  
 esmagam-na sem ver a lucida miragem  
 que tem dentro do seio!... Ardentes peregrinos,  
 ai! Tantalos da gloria, ainda os vossos hymnos  
 pregôam crença e fé, e em cada geração,  
 quaes Marios no deserto, a voz da solidão  
 sómente vos conduz! Perdidos entre o gelo,  
 Danieis em cada festa, o vosso negro sello  
 é escripto a fogo e sangue; e o labaro da dôr  
 vos marca sobre a frente, ó naufragos d'amor!...

Vós sois phantasmas erguidos  
 por entre as festas do mundo!

Se ás vezes vossos gemidos  
 lá vão no côro profundo  
 do murmurar do deserto,  
 ninguem os ouve de perto,  
 ninguem da terra os traduz!  
 Sois como os lyrios: na festa  
 ninguem os quer; só lhes resta  
 o cemiterio ou a cruz!

Sibyllas que ninguem ama!  
 Prophetas que ninguem crê!  
 Antistes, a vossa chamma  
 não tem sectarios nem fé!  
 Estrellas, quem vos envia?!  
 Auroras d'um novo dia,  
 quem vos sauda o fulgor?!  
 Mendigos, quem vos esmola?!  
 Martyres, quem vos consola,  
 quem vos orvalha d'amor?!...

Abysmos que ninguem sonda!  
 Crateras que ninguem desce!  
 Proscriptos, quem vos acolhe?!  
 Estatuas, quem vos aquece?!







pedindo dramas ao dia  
em seu fervente agitar.

Junctara-se a populaça  
nos thronos que a penedia  
levanta na beira mar.  
Havia corpos na areia;  
e a multidão que fluctua  
apinha-se em derredor;  
que aos indiff'rentes da rua  
uma desgraça os enleia,  
as mortes servem d'engodo!  
Ai! borboletas do lodo,  
cegaís vossa alma na dor!

Jaziam quatro cadaveres,  
despedaçados no chão:  
ruínas da tempestade,  
destroços do furacão...  
A turba um pouco se acalma;  
ha pranto já pelos rostos,  
ha sentimento no peito.  
É que no funcbre leito  
d'aquelles naufragos mortos

havia grandes da sorte,  
 que o mundo incensa na morte,  
 como na vida receia.

A tres a turba pranteia.  
 Por sobre o estrado d'areia  
 mais d'um joelho se abate,  
 e mais d'um corpo fallece;  
 em alguns labios a prece  
 a Deos implora o resgate  
 das suas culpas. Na praia  
 em cada grupo se ostenta  
 d'aquelles vultos a gloria;  
 no povo espalha-se a historia  
 d'aquelles restos sem luz...  
 Ai! d'esses putridos nada  
 que a multidão apregôa!  
 Que exemplo tu nos ensinas!  
 Ás vezes Dantes degradas,  
 para elevar Catilinas;  
 que é mais fulgurante a c'rôa  
 onde mais sangue reluz!...

Um d'elles, d'armas brilhante,

o rosto bronzeo e crestado,  
basta fital-o um instante,  
para se ver que é soldado.

A turba louca parece  
em luctuosa ovação:  
ai! que fimo te endoudece,  
ó mundo sem coração!...

Ergue-se em volta o renome.  
Era uma gloria da guerra  
que os potentados da terra  
tinham de insignias c'roadado.  
D'esses raios das batalhas  
que têm o throno em mortalhas  
e em cadaveres o estrado;  
que o mundo chama satellites,  
e lhe ergue estatuas na praça;  
os astros da populaça  
em seu delirio fatal...  
Ai! dos cometas de sangue  
cruzando na humanidade!  
Talvez inda a sociedade  
vos chame'— os genios do mal!

Um outro a turba o proclama  
como um dos Cresos potentes;  
d'aquelles que arrojam lama  
ao rosto dos indigentes;  
que cruzam na multidão,  
sem alma, sem coração,  
sem escutar a indigencia;  
d'esses que o sol da opulencia  
não deixa olhar para a treva,  
(cruéis vampiros que ceva  
o sangue dos desgraçados);  
e que inda assim vão c'roados  
por entre a fome e a nudez,  
nos seus carros triumphantes,  
cobertos de diamantes,  
calcando a miseria aos pés.  
D'esses monarchas da sala,  
d'essas estatuas de gelo,  
a quem o pobre não falla  
senão co'a vista no chão.  
De rôjo pelos palacios,  
querem ser reis nos albergues!  
Ó louca turba, porque ergues  
tão immer'cida ovação?!...

Esse outro vulto... silencio!  
Nem mais um grito nas praças!  
As Messalinas devassas  
não devem ter quem as chore,  
uma só alma que as sinta  
com esse pranto sacrilego.  
Embora o mundo as adore,  
a morte ao menos não minta  
com os fastigios cambiantes...

Foi uma gloria d'instantes,  
mas que ao sepulchro não desce.  
Era dos astros perdidos  
que o vicio expelle do abysmo;  
um coração sem baptismo,  
nas immundicies da lama,  
que tantas almas derrama  
nas trevas da perdição.  
D'essas sereias dolosas  
que nos gangrenam as rosas  
nascidas no coração.  
Uma cratera sem lume,  
que nos attrahe para o seio;  
uma serpente d'enleio

que nos enrosca a virtude  
 numa cegueira infernal,  
 sem lhe dar onde se escude;  
 falsa miragem que leva  
 pelos recantos do mal...

E aquella turba a festeja  
 como rainha sem luz;  
 não d'esse pranto bemdicto  
 que leva aljofres á cruz,  
 mas d'esse fervido culto  
 que se levanta em tumulto,  
 como se fosse d'um rei!...

É este o livro do mundo  
 em suas glórias sem lei!...



Jazia um vulto mais. Nos traços lividos  
 tormentosa viagem se revela  
 noutros mares: perdido o mastro e a vela  
 é batel no resguardo do penar.  
 Jazia um vulto mais. Uma só lagrima

não desce por incenso ao pobre morto!  
 Como a pedra arrojada sobre o porto,  
 só leva como pranto]aguas do mar!

Jazia um vulto mais; e a turba attonita  
 não lhe ergue uma só prece no calvario;  
 que vê sómente andrajos, por sudario,  
 e a pallidez por funebre esplendor!...

Jazia um vulto mais; e voz d'um cynico:  
 «é louco», murmurou pelos ouvidos...

E o mundo não contempla em seus ruidos  
 verme sem luz no tremedal da dor!

É louco?!... Triste d'aquelle  
 que o mundo louco appellida!  
 Ai! pobre d'esse que a vida,  
 em seu delirio fatal,  
 lhe vai ás soltas na terra  
 sem luz, sem alma, sem nada,  
 como a folha arremeçada  
 por cima do lodaçal!

Ai! loucos! nautas perdidos  
 sobre este largo d'abrolhos!

Quem vos ensina os escolhos,  
quem vos accende o pharol?!...  
Sobre o oceano da vida  
correis sem leme e sem norte,  
nas trevas da vossa sorte  
sem ver um raio do sol!

Oh! perdoae, desgraçados,  
se a multidão indiff'rente  
não vê, não olha, não sente  
a sina que vos conduz!  
Se o mundo chama loucura  
á vossa c'rôa d'espinhos,  
sem perscrutar os caminhos  
d'esse calvario sem luz!

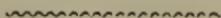
Chamam-vos loucos!... Quem sabe  
bem tactear-vos por dentro?  
Da neve ás vezes no centro  
póde forjar-se um vulcão.  
Como entre as nuvens do espaço,  
do temporal nos horrores,  
póde haver luz e fulgores  
nas nuvens do coração.

Chamam-vos loucos! E louca  
 dizem da furia da vaga  
 quando na rocha se esmaga  
 nessa attracção infernal!  
 Chamam-vos loucos! Blasphemia  
 que a multidão vos profere!  
 Mas perdoae, que Voltaire  
 chamava louco a Pascal!

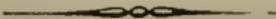
Por vossa e'rôa de martyres,  
 desgraçados, que baptismo!  
 Nas vaias do fanatismo  
 já foi louco Galileu!  
 Ai! ardentes visionarios  
 que o mundo cobre d'insultos,  
 fallai por elles, ó vultos  
 de Colombo e de Tirteu!

Poetas, astros não vistos  
 no vosso ingreme traço,  
 pela memoria de Tasso  
 prostrae-vos todos no chão!  
 Ha alli um vulto na areia  
 qu'a turba louco proclama,

que ninguém olha, nem chama;  
e esse louco é vosso irmão...



Eu vou contar-vos a vida  
d'esse pobre trovador,  
que não tem prantos na turba,  
que ninguém olha com dor;  
d'esse cadaver desfeito,  
que jaz d'areia no leito  
por funereo mausoléo!...  
E talvez que esta elegia  
seja a unica harmonia  
que neste mundo colheu.



## CANTO II

### **Estrellas e Flores**



O genio traz por lustre o fogo ardente,  
que nos accende aos ventos sues da gloria  
da vida a pobre flor.

Cometa, no seu traço refulgente  
ennegrecem-lhe as nuvens sua historia,  
escondem-lhe o fulgor.

Como os astros que se erguem d'entre o abysmo,  
que mandam na alvorada a prophecia  
da carreira fatal,

assim também o genio: por baptismo  
 as lagrimas sem conto, e a agonia  
 por abraço infernal.

Votado como antiste ao sacrificio,  
 esvai-se-lhe alma e vida em holocaustos  
 á luz da inspiração.

Como a pomba no lodo, sobre o vicio  
 aperta-se-lhe o peito á mingua de haustos;  
 cega-o a escuridão.

Sonhara o mundo em luz, e o negro espaço  
 acerca-o de seu lucto; e o sol a medo  
 desfaz o negro véo...

Chrysalida morrendo de cansaço,  
 labora o genio em lugubre degredo  
 na cata d'outro céo.

Folhas d'um dia, rosas d'alvorada,  
 que vento vos arroja em breve instante  
 das ruinas no pó?!

Harmonias do genio, não sois nada!  
 Sois a rosa num dia deslumbrante,  
 noutro mirrada e só!

Que o genio traz por lustre o fogo ardente,  
 que nos accende aos ventos sues da gloria  
   da vida a pobre flor.

Cometa, no seu traço refulgente  
 ennegrecem-lhe as nuvens sua historia,  
   escondem-lhe o fulgor!

É o epitaphio e a historia  
 dos desgraçados da terra;  
 dos Prometheus nesta guerra  
 que o mundo chama viver.  
 Por dentro luzes e flores,  
 ridentes crenças e amores;  
 cá fóra emblemas d'um lyrio,  
 funereas côres d'um cyrio,  
 numa palavra: o soffrer.

Alberto, o heroe do poema,  
 que eu vos mostrei sobre a areia,  
 era dos pobres que a gloria  
 até na infancia incendeia.  
 Contava a mãe que no berço  
 ficava tempos immerso,  
 fitando os astros do céo.

Já, na sua alma d'infante,  
se enlevava delirante  
com mais calor e mais vida,  
em frenetica anciedade,  
a cada nota perdida  
do poema da immensidade.

Em uma noite surgia  
a lua toda de gala,  
como a hostia da poesia  
que a terra incensa d'aroma,  
que a briza em cantos embala.  
Em volta a lucida coma  
de nuvens brancas, lustrosas,  
se embalava docemente,  
como os cabellos na frente  
d'uma donzella d'amor.  
Cada estrella, cada flor  
d'aquelle sacrario esplendido  
era mais terna e sentida.  
Era uma noite em que a vida  
se sente toda incendiada  
no culto d'essa trindade  
—Deos, o amor e a poesia.

Era uma hora de magia,  
um instante de saudade,  
que não ha sec'lo na idade  
que lhe compense o matiz.  
Um dos momentos que a vida,  
se póde ser-se, é feliz.

Alberto, ainda criança,  
erguen-se louco, inspirado;  
não sei qual intimo brado  
lhe acordou no coração  
entre o vulcão das ideas;  
quebrou na mente as cadeas,  
rompeu no peito a prisão...  
Desde então a sua sina  
é facil de se antever:  
vulcão de crôsta que mina  
e que mais tarde ou mais cedo  
ha de acabar de romper,  
e de cobrir d'amarguras  
a sua praia fervente;  
larva d'esforço impotente  
que ha de finir-se ás escuras.

Mais tarde, a luz do destino  
deparou-lhe no caminho  
como que a estatua d'amores;  
não sei se acaso divino,  
ou talvez nefasto espinho  
occulto por entre as flores;  
não sei se o inferno ou se o céu:  
que ao raio que fende as nuvens,  
ninguem vai marcar-lhe o passo,  
ninguem lhe escreve no espaço  
a lei que Deos lhe não deu!

Á onda que se revolve  
tão livre na immensidade,  
quem pôde traçar, quem ha de  
marcar-lhe a senda no mar?

E o amor é como o raio,  
ou como as ondas, altivo;  
nunca domado ou captivo,  
sem se torcer, nem quebrar!

Foi um archanjo que Alberto  
sonhara á luz d'harmonia,  
nas estreias da poesia  
nas primicias d'esse amor.

Chamava-se Margarida,  
como que estrella perdida  
neste mar lodoso, incerto,  
aquelle astro descoberto  
nos cantos do trovador.

Era um archanjo, d'esplendente auréola  
nas tranças soltas da doirada coma;  
d'incenso a nuvem, das mil flores no aroma;  
por hymno, a festa que do val rompeu!  
Era um archanjo, suspirando tremula  
no seio uns hymnos como d'harpa eolia;  
e rescendente de subtil magnolia  
em cada sonho que a elevava ao céu!

Era um archanjo, e retratar-se candida  
do mundo em roda que a festeja; e canta  
nos doces hymnos d'alegria sancta  
das mil cadencias que este mundo tem!  
Era um archanjo, illuminando os paramos  
da triste vida com sua luz divina!  
Era um archanjo, transformada a sina,  
perdida a patria d'este mundo alem!

Era um archanjo, divinaes volvendo-se  
os meigos olhos d'um azul celeste;  
e á flor dos labios, como a flor agreste,  
perfume virgem de sonhado amor!  
Era um archanjo! Celestiaes, angelicas,  
as fórmas todas divinaes, airosas;  
mas triste sempre: como as brancas rosas,  
tingida a face de mortal pallor!

Era um archanjo, a segredar os canticos  
que os anjos trinam de celeste enleio,  
se alguém lhe ouvisse o murmurar do seio.  
essa harpa interna a conversar com Deos!  
Era um archanjo, a remirar sorrindo-se  
o prado, a relva, o perfumar d'aragem,  
perante sempre da feliz miragem  
de Deos, dos anjos, d'outra patria e céos!

Ai! era como um sacrario  
de saudade e de magia,  
descortinando-se timido  
em doce melancolia,

E como o alvor do crepusculo  
por sobre as folhas do lyrio,  
a reflectir-lhe a luz mystica  
d'essa imagem do martyrio:

naquellas faces angelicas  
não sei que pallido alvor  
lhe reflectia o martyrio  
das saudades do Senhor.

E, como os affectos intimos  
que devem haver no céo,  
quantas vezes sobre os labios  
um suspiro lhe morreu,

como perfume dulcissimo  
das flores do coração,  
a rescender-lhe nos halitos  
d'uma supplice oração?

Quanta vez o seio tremulo  
implorava á luz da lua  
o consorcio ardente e pudico  
d'alma virgem como a sua?

Que por mais triste e mais pallida  
que seja a c'róa da flor,  
não vive sem a luz vivida  
do seu sol, do seu amor!...

Ai! era como um sacrario  
de saudade e de magia,  
descortinando-se mystico  
em doce melancolia.

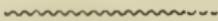
Dera-lhe Deos sobre a terra,  
para imagem d'essa vida,  
cada flor de margarida  
que pelos ermos nasceu;  
que, triste assim e saudosa  
das lagrimas d'alvorada,  
sentia a pobre coitada  
tambem saudades do céo!

E no céo tinha um espelho  
para a sua alma innocente  
em cada estrella fulgente  
nas puras noites de verão;  
que assim trementes e puros

como o fulgir d'uma estrella,  
sentia fulgirem nella  
os sonhos do coração!

E no mar em cada perola  
que na concha se acalenta,  
tal como n'alma sedenta  
d'affectos, a luz d'amor,  
fadara-lhe Deos um symbolo  
d'uma lagrima cabida,  
e sobre o seio escondida  
nas horas da sua dor.

E tinha por ledo cantico  
as harmonias da aragem;  
e por lucida miragem  
tinha o azul do seu olhar...  
Oh! era o celeste emblema  
de tudo o que tu já viste  
formoso, suave e triste  
no céo, na terra e no mar!...



Residia aquelle anjo d'outra vida  
alem, ao pé da nuvem prateada  
do fumo do casal;  
como saudosa flor de margarida,  
orvalhada dos prantos da alvorada,  
entre as rosas do val.

Era uma casa modesta,  
mas com poesia e belleza;  
que a todo o canto vegeta  
uma flor de violeta.

E por ditoso condão  
só lhe bastava a riqueza  
das galas do coração.

Só tinha salinha e quarto,  
o seu quarto de dormir,  
como o sacrario doirado  
onde lhe vinha sorrir  
aquelle sonho encantado  
dos seus suspiros d'amor.

Subiam as trepadeiras  
até o vão da janella

— festivas namoradeiras  
 dos segredos da donzella —.  
 E abraçando-se na hera,  
 que se enroscava ás paredes  
 em mil festões d'esmeralda,  
 teciam verde grinalda  
 que em dias de Primavera  
 se via balancear,  
 como as tranças d'uma virgem  
 que a briza solta no ar.

Havia um lago na frente  
 com sua c'rôa de prata,  
 em que dois cysnes boiavam  
 naquelle amor indolente,  
 naquelle dulcido enleio  
 que nos indica e retrata  
 boiar de virgem no seio  
 um pensamento d'amor.  
 E, ao vel-os tão descuidados  
 por sobre os flocos d'espuma  
 que das aguas sobre a flor  
 se baloiçavam trementes,  
 como as estrellas fulgentes

para aquella agua tão pura,  
dirieis dois namorados  
por sobre o mar da ventura.

Debruçava-se por cima  
como docel de verdura,  
uma ramada tecida  
por entre silvas e flores  
— para imagem d'esta vida  
feita de risos e dores —  
de ramos de limociro,  
a prenderem no loureiro  
em festões de verde côr.  
A um cantinho escondidas,  
umas poucas margaridas,  
as pobres irmãs tão q'ridas,  
as filhas do seu amor.

Mais alem um laranjal  
com a c'rôa d'esmeraldã,  
com essa verde grinalda  
dos viços de Portugal.  
E depois o prado e a relva,  
com a côr do firmamento,

mais o perfume das flores,  
exaltando o sentimento,  
e embriagando d'amores;  
e a poesia que enleia  
em toda e qualquer aldeia  
da nossa terra natal.

Foi alli que, em noite bella  
em que o peito em cada estrella  
vai fartar-se de magia  
em suave inspiraçoão,  
em que o amor e a poesia  
refervem no coraçãõ,  
vira Alberto a Margarida,  
enlevando-se esquecida  
nas copas do laranjal.

As harmonias da aragem  
casavam-se na miragem  
da lua que prateava  
as tranças d'ouro dispersas  
pelo seu collo de neve;  
a viração que passava,

vinha furtar-lhe de leve  
o perfume aereo e sancto  
dos seus suspiros d'amor...  
Ai! nem mesmo vale tanto  
o puro incenso da flor,  
como esse aroma que exhala  
um coração de mulher!

O céu vestido de gala,  
em cada mystica falla  
d'aquelles astros de luz,  
naquella doce magia  
de seu vivido clarão  
era a luz que lhe sorria,  
tal como a benção de Deos,  
aos sonhos do coração.

Elle a viu assim, e tremulo  
sentiu vasar-se-lhe nalma  
o fogo que não se acalma,  
sem abrigar-se no olhar  
que nos attrahe e fascina;  
e a amou com todo o amor,  
como é louco, e forte, e ardente,

indomavel e fervente  
no peito do trovador.

Depois um dia, sem tino,  
sem razão, sem luz, sem nada,  
com a mente afogueada  
no delirio da paixão,  
foi ajoelhar-se-lhe aos pés;  
perdido, cego, demente,  
e no peito refervente  
o fogo da inspiração:

«Eu vi-te, Margarida: era á luz pallida  
das estrellas, em noite de magia.

Olhavas para os céos,  
ás soltas pelo collo a trança madida;  
e ás soltas a tua alma te fugia  
em saudades a Deos.

«Eu vi-te suspirar! Suave e mystico  
se prendera na aragem da campina  
esse aroma do seio.

E te arrojaste — louca! sobre o distico  
dos astros mil, a ver a tua sina  
em myst'rioso enleio.

«Cruzava-se uma estrella. O traço vivido  
 banhou-te de fulgor; sorriste, ao vel-a  
 abençoar-te do céo.

E assomou-te nessa hora ao rosto livido  
 luz intima, ao dizer: «a minha estrella  
 o astro que Deos me deu?.. »

«Depois choraste!—Sonho do martyrio,  
 alternativa incerta d'esta vida  
 que vai do riso á dor!

E eu vi-te assim chorando, pobre lyrio;  
 e desde então amei-te, Margarida,  
 amei-te com ardor.»



Amavam-se! E o mundo era um céo, uma aréola,  
 sorrindo venturas, fallando d'amores,  
 nas aguas e brizas, nas aves e flores,  
 no incenso do prado, nas ondas do mar!  
 Amavam-se! E os astros sorriam-lhe vividos;  
 a luz fulgia mais bella e saudosa;  
 e criam que as aguas, os ventos e a rosa  
 amavam com elles na terra e no mar!

Amavam-se, amavam-se ao alvor do crepusculo,  
 ao trino das aves nas margens do lago;  
 aos dulcidos hymnos do cantico vago  
 da briza morrendo nas quebras do vall!  
 Amavam-se á tarde, partindo-se tepido  
 o sol moribundo nas cristas da serra;  
 sem ver, sem ouvir o susurro da terra,  
 dormindo prendidos num sonho fatal!

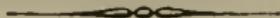
Amavam-se á noite, cingindo-se tremulos  
 no ardente consorcio de fervido abraço,  
 e, em festa de noivos, essa harpa do espaço  
 vibrando harmonias, fallando de Deos!  
 Amavam-se á tarde, de noite e ao crepusculo,  
 accesos no fogo d'immensa ternura;  
 e loucos sonhando prazer e ventura  
 nas aguas e flores, na terra e nos céos!...

Mas o amor é uma folha  
 do livro da nossa vida,  
 para ser aberta e lida  
 ao fulgor d'um céo d'anil,  
 nos dias de Primavera,  
 aos hymnos d'uma alvorada;

quando a vida é perfumada  
das flores do seu Abril.

São sómente duas paginas:  
na primeira — d'ouro e prata,  
cada palavra retrata  
venturas que os anjos têm;  
mas se acaso volta a folha,  
ai d'ella que está perdida!  
Ai d'ella, de Margarida,  
que foi voltal-a tambem!...

Na segunda, já coberta  
da pallidez do martyrio,  
com os perfumes do lyrio  
e do goivo sepulchral;  
diluida pelo pranto,  
franjada de negras côres,  
ha uma historia d'amores,  
mas lugubre e funeral!



## CANTO III

### O Adeos



Deslumbrava na Europa esse relampago  
de Bonaparte; o cedro tão gigante  
crescia sobre a terra,  
para assombral-a toda com a gloria  
do seu nome — esse raio fulgurante  
da metralha e da guerra!

Fitava-se de horror, com o peito indomito,  
esse poema escripto em sangue e fogo  
de Lisboa a Moskow.

E a nuvem das batalhas negra e horrida  
pairava no Occidente; e prestes, logo,  
tormenta rebentou,

com o grasnar do corvo dos cadaveres  
no repasto sangrento, que deixava  
esse Napoleão  
por toda a Europa, que, guerreira, erguia-se;  
mas, tremula e cançada, mal ousava  
levantar-se do chão.

A Portugal tomou vertigem ebria...  
Acordou o leão, de juba solta  
e com rugir atroz,  
a escalear-lhe fervente sobre o cerebro  
a gloria nossa; e erguendo-se d'envolta  
a sombra dos avós.

Alberto foi, entusiasta e fervido,  
a radiar-lhe o fogo da batalha  
no rosto, e o sangue quente  
a referver-lhe a cada estrondo horrisono  
que fallava, nos dobres da metralha,  
do meteoro ingente,

junctar-se aos portuguezes, que o satellite  
galvanisara prestes na represa  
do fogo, que se nutre  
escondido nas cinzas; mas que indomito  
irrompe, se o atêam... Guerra accesa,  
que nos obriga o abutre!

Guerra, voragem soffrega  
de sangridos repastos!  
Serpente, em cujos rastros  
se roja a maldição!  
Cratera immensa, indomita,  
sedenta de destroços,  
que arroja a carne e os ossos,  
por lavas do vulcão!

Que abutre ou ebrio espirito  
ao mundo e a Deos profana,  
apotheose insana  
erguendo a ti, algoz?!...  
Torpe reptil, rojando-se  
em vermes e ruinas,  
é certo que fascinas  
a turba vil e atroz!

Em quanto a mim, nausea-me  
a podridão que cevas...  
Poeta — fujo ás trevas:  
joven — adoro os soes...  
E chamam-se satellites  
os histriões da espada!  
Satellites do' nada  
que vos pregoais heroes!...

Quem fechará o vortice  
de sangue, fogo e fumo,  
que leva-nos sem rumo  
em pelago de horror?  
Poetas, vinde, apóstolos!  
A vós essa cruzada:  
a luva está lançada,  
tomae-a com fervor!

Em vez de carnes putridas,  
de cerebros desfeitos,  
de craneos, braços, peitos,  
tudo revolto em pó,  
hasteemos viva e fulgida  
a paz da humanidade,

que ao sol da caridade  
se torne um povo só!...



Antes do drama de horrores  
que vai mostrar-nos a guerra,  
vinde commigo, leitores.

Sabeis que o poeta na terra  
tem por cruzada sublime  
ir de martyrio em martyrio;  
como vai de lyrio em lyrio  
a briza, bem como a abelha  
vai de roseira em roseira.

Pobres poetas, espelha  
a vossa existencia inteira  
o orvalho, que nunca esquece  
qualquer das urzes da serra;  
vós sois assim: sobre a terra  
é vossa lei definida  
dar orvalho a cada frida,  
allivio a todas as dores...

Antes do drama da guerra  
vinde commigo, leitores.

É noite, noite repleta  
d'uma tristeza que mata!  
Noite c'roando de prata  
todo o horisonte em redor!  
Na morna briza perpassam  
nem sei que tristes gemidos,  
só escutados e ouvidos  
no mysticismo d'amor!

Sobre a casinha do valle  
erma, triste, silenciosa,  
timida aragem suspira  
uma canção maviosa  
d'essa recondita lyra  
que os anjos vibram de noite.  
Desce morbida e tremente  
de cada estrella a pupilla.  
O alvor triste da lua  
mal rarefaz e scintilla  
naquelle tenue ambiente,  
que nestas horas fluctua  
sobre a casinha deserta.

Essa visão melancolica,  
sombria e vaga, desperta  
saudade profunda e extrema!  
Ao ver de prata o diadema  
que a cinge toda, e reveste,  
como a lampada celeste  
illuminando num templo;  
ao ver por funebre cyrio  
cada transiucida estrella,  
por orgão da noite o vento;  
vem-nos logo ao pensamento  
que nessa casa singela  
pranteia e vive o martyrio...

D'essa casinha na sala,  
não sei se amante suspira,  
ou se d'archanjos na lyra  
alguma endecha se embala!

«Eu venho dizer-te adeos...  
Mas não chores, Margarida,  
que mal sabes como a vida  
vai levar-me a outros céos...  
Tu bem vês que sou soldado;

e quando da patria o brado  
 nos pede o sangue e o braço,  
 todo aquelle que é seu filho,  
 embora se quebre o laço  
 que lhe prenda o coração,  
 se nutre sangue no peito,  
 deve erguer-se por caudilho,  
 para ver cahir desfeito  
 o jugo da escravidão...

«Que o leão levante a frente,  
 quando as aguias altaneiras,  
 vem acordal-o do somno!  
 Ao tremular das bandeiras  
 travemos todos da espada;  
 unamo-nos na cruzada  
 da nossa patria e dever!...  
 Mas não chores! Tem esp'rança  
 no meu amor, no futuro...  
 Se não morrer, eu te juro  
 de vir um dia, coitada,  
 depor-te aos pés esta espada...  
 Se morrer... mas não, não tremas;  
 que eu levo junctos commigo

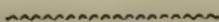
a tua imagem por guia,  
o teu amor por escudo...  
Dizes bem; Deos não havia  
aniquilar assim tudo  
do nosso amor no jazigo...  
Não creava o céo em vão  
em nossa alma um paraíso...  
Mas por Deos, não chores tanto,  
se sabes como esse pranto  
me queima no coração.»

«Vais partir!?!... Adeos, Alberto!  
Não seja eu quem te prenda,  
ao ver abrir-se uma senda  
á ruina de Portugal!...  
Sou mulher, mas tambem sinto  
que me referve na frente  
o mesmo espirito ardente  
da nossa patria natal.

«Alberto, adeos! Se morreres,  
se o granizo da metralha  
te deixar entre a batalha  
como despojo e tropheo,

que morras como soldado!...  
 Pede a Deos por mim, Alberto!  
 Deixa-me o tumulo aberto,  
 e espera por mim no céo!

«Mas se Deos me ouvir as supplicas,  
 e me der tanta ventura  
 que ainda em vida futura  
 te eu possa tornar a ver,  
 recorda-te por piedade  
 da tua pobre Margarida!  
 Não te esqueças que na vida  
 te prende aqui um dever!»



E cahiu sobre o chão desfallecida;  
 e parece, meu Deos, que a propria vida  
     a ti voou num ai!  
 Como a pomba que fica ao pé do ninho,  
 e vôa pelo espaço o tenue arminho  
     que das azas lhe cáe!

Como pende do lyrio a triste e'rôa,  
e o perfume dos tumulos lhe vôa  
para os anjos do eéo!

Como a lua no throno da harmonia,  
e a saudade e a mystica poesia  
á terra lhe desceu!

Mas ergueu-se com vida á luz da esp'rança,  
na antevista de fulgida bonança  
para a saudade e dor,  
com os olhos pregados no occidente  
esp'rando cada dia tristemente  
o pobre trovador.

A esp'rança é como a fada  
que nos arrasta e seduz,  
após a imagem doirada  
de vividissima luz,  
a fascinar a nossa alma  
com a ventura e co'a palma  
de mil promessas d'amor;  
mas de luz que se incendia,  
que nunca morre, e se atcia,  
de vivissimo esplendor.

É branca, branca, formosa,  
como um cysne ou como a neve.

É como a folha de rosa  
que se despegue, e se eleve  
sempre agitada do vento;  
que tambem o pensamento  
eleva a esp'rança no ar.

É como o aroma do lyrio  
que lança n'alma o delirio,  
se acaso a vem perfumar.

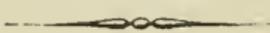
Tem a côr da Primavera,  
sempre louçã e garrida,  
sendo verde, como a hera,  
todo o anno e toda a vida.

E, como a hera no abraço  
sustenta ainda no espaço  
os muros do torreão,  
assim da esp'rança os verdores  
nutrem de seiva, e dão flores  
às ruinas do coração.

É como a luz da alvorada,  
nas alvoradas de Abril,

uma visão encantada,  
aerea, branca e subtil.  
É liberrima em seu peito:  
ninguem a prende no peito,  
que lhe não fuja outra vez.  
E é virgem; por mais que faça,  
ninguem lhe toca, ou abraça  
as promessas que nos fez...

E Margarida ergueu-se á luz da esp'rança,  
na antevista de fulgida bonança  
para a saudade e dor  
com os olhos pregados no Occidente,  
esp'rando cada dia tristemente  
o pobre trovador.





## CANTO IV

### **A Batalha**



Porque veio, Bussaco, um dia a guerra,  
accendendo-te o fogo da batalha,  
insultar-te nos echos da metralha,  
a ti — o rei do espaço, a ti — a serra

que ovante dominavas nos vallados,  
tão livre como o vento que bafeja  
á tua face o abutre, quando adeja  
livre pela amplidão? Que tristes fados

profanaram os ais dos cenobítas  
que inda se erguem da campa á luz da lua,  
a cantarem na briza que fluctua,  
o canto dos sepulchros? Infinitas

devem ser as areias da tormenta  
que assim turba o sacrario da saudade!  
Mas se é crime, Senhor, a tempestade  
que arroja o lodo ao céo, e infrene tenta

quebrar a tua obra... ó Deos, perdôa;  
mas é crime tambem vir insultar  
alli ao pé da cruz, allí no altar,  
silencio d'ataudes! Se a aguia vôa

no teu cume, é de paz; não leva as presas  
ensopadas em sangue, como outr'ora  
apparecera um dia á luz da aurora,  
adejando no céo d'essas devezas.

Mas nunca fica impune o fraticida!  
Nem passa nunca o vento no deserto,  
sem a areia encontrar o espaço aberto  
para luctar com elle em guerra ardida!

Tu mandaste, Senhor, que as pobres aves,  
ao pairar-lhe esse abutre sobre a serra,  
demudassem num dia em sons de guerra  
a harmonia dos canticos suaves,

e vencessem!... A Gloria a ti, meu Deos,  
se o hymno d'um poeta que delira,  
póde cantar nas cordas da sua lyra:  
A Gloria a ti, meu Deos na terra e céos!



Era o dia da batalha  
que a nossa moderna historia  
aponta com altivez,  
como um dos dias de gloria  
para o pendão portuguez.  
Eram em frente os exercitos  
com esse quadro infernal,  
com essa amostra de horrores  
que, como a hydra do mal,  
quantas mais vezes se apaga,  
mais se renova fatal.

Alargava-se a cratera  
do refervente vulcão...  
Mas silencio! Não fallemos,  
que basta a voz do canhão  
para fallar d'esse inferno;  
e eu tenho por maldição  
a historia d'uma batalha,  
quando a justiça não valha  
ao povo que vem faminto  
lançar as garras sangrentas  
ao cadaver d'um irmão.

Fujamos d'esse theatro;  
que nada vale ao estandarte  
a lyra d'um trovador,  
sinta embora o amor da patria:  
só querendo tomar parte  
na carne e sangue, no horror  
d'esse festim condemnado.

Mas Alberto, o esforçado,  
o heroe da nossa historia,  
o ebrio sonhador de gloria,  
esse pobre enamorado

de tanta palma e tropheos?...

Neste momento solemne,

quem sabe se a despedida

o será por toda a vida?...

Deixae-me dizer-lhe adeos.

Vede-o alem. Em volta um grupo,

a cada som da metralha,

lhe pede um canto guerreiro.

Antes d'entrar na batalha,

querem ouvir-lhe primeiro

uma ballada de gloria,

um facto da nossa historia

que lhes aponte o dever...

Vai cantar... Oh! vinde ver,

que lhe lampeja no rosto

como que ardór divinal!

«A estrella brilhava da fulgida gloria,

e os fastos guerreiros cantavam na terra

o homerico hosana do poema da guerra,

em honra do nosso pendão portuguez.

Fitava-se o livro da nossa grandeza

nas velas cruzando no altivo oceano;  
 no tôpo das naves erguendo-se ufano  
 nas ondas, gemendo quebradas aos pés.

«Então inda o brado d'um canto do mundo  
 lá fóra echoava em tremor de batalha;  
 e o dobre tremendo da nossa metralha  
 os peitos gelava d'immenso terror!  
 E as quinas erguiam-se aos ventos da gloria!  
 E os filhos da patria sentiam no peito  
 romper, em erateras d'inferno desfeito,  
 dos sonhos da gloria mais fervido ardor!...

«Affonso reinava. As conquistas por Africa  
 lançaram mais vida, mais alma aos soldados;  
 sentiam-se ardentes, fogosos, ousados;  
 mais sangue, mais quente o febril coração...  
 E a patria chamava seus filhos á guerra,  
 co'o braço mostrando o leão de Castella;  
 e ergueram-se todos em voz de procella,  
 e em lava fervente d'acceso vulcão.

«Os dois estandartes cruzaram-se rutilos  
 nos plainos do Touro, onde a côr das bandeiras

tingiu-se no sangue das hostes guerreiras,  
topando com impeto e raiva infernal.  
Poema cantado da lucta no estrepito,  
os lusos tiveram as palmas da gloria...  
E diz-se comtudo ganhara a victoria  
Castella, vencendo o feroz Portugal!

«Mas ha um facto, uma pagina  
nesse poema guerreiro,  
que até hoje o mundo inteiro  
não abriu com attenção;  
que tem passado nos seculos  
quasi esquecida e fechada,  
e mer'cera ser cantada  
por um melhor campeão.

«Ateava-se mais horrida  
a temerosa batalha,  
e retroava a metralha  
com mais tremenda procella,  
quando Duarte d'Almeida,  
gentil e forte soldado,  
se viu de todo cercado  
por esquadrão de Castella.

«Disputavam-lhe a bandeira  
que sustentava aferrada,  
vibrando no ar a espada  
tal como um raio infernal.  
E, já coberto de sangue,  
mais a apertava, raivoso  
todo exaltado e brioso  
das armas de Portugal.

«Recrescia a furia, o esforço;  
e as balas, de toda a parte,  
cruzavam. O estandarte  
se viu então abaixar,  
e erguer-se após um momento;  
que não baixou de cansaço:  
fôra levado no braço  
que o sustentava no ar!

«Falta um braço? Tenho outro...»  
E mais raivoso e fervente  
batia a onda crescente  
que se apinhava em redor.  
E mais o sangue corria,  
e mais os golpes cruzavam,

e mais espadas quebravam,  
e mais crescia o furor.

«Tornou a terra o estandarte,  
levando tambem suspenso  
o outro braço; d'immenso  
prazer um brado troou,  
cantando em grita a victoria;  
e p'ra a bandeira em pedaços,  
levando presos dois braços,  
tudo em tropel se arrojou.

«E elle, co'a espuma nos labios,  
desprendeu medonho brado,  
como um leão derrotado,  
como a tormenta no mar.  
Arrojou-se ao estandarte,  
e, entre os golpes crescentes,  
aferrado pelos dentes  
o tremulou pelo ar.

«Passava o vento da tarde,  
e, balançando os fragmentos  
enlodaçados, sangrentos,

d'essa bandeira fatal,  
 envolveu-lhe todo o corpo,  
 de golpes mil retalhado.  
 Rugindo então desesp'rado,  
 como rugido infernal:-

«É vossa, sim, a victoria  
 «de tão renhida batalha;  
 «é porem minha a mortalha  
 «que Deos me dá no pendão  
 «da minha patria e da gloria...»  
 E pela vez derradeira  
 fitando ainda a bandeira,  
 tombou de chofre no chão.»

Findára Alberto o canto. Retroando,  
 o canhão ribombava na montanha  
 como applauso guerreiro. Ao longe erguia-se  
 a negrejante nuvem da metralha;  
 e a torrente, nas abas, revolvendo-se,  
 da montanha, junctava agreste côro  
 ao proximo festim de sangue e mortes.  
 «Às armas!» retroou por todo o espaço  
 em selvagem rugir de cada peito.

«As armas!...» retroou na voz do fogo,  
e correu sobre o fumo da metralha,  
d'encontro aos quatro ventos do heroísmo.

«Ás armas!» Como o inferno rebentando,  
da montanha irrompeu cratera horrisona,  
assolando infernal. Raivosa, infrene,  
medonha vozeria ergueu no espaço  
da batalha horrorosa rhapsodia.

«Ás armas!» E, leão faminto erguendo-se  
no deserto a galgar, feroz rugindo,  
se arroja o luso, delirante e louco,  
d'encontro com as aguias altaneiras.

«Ás armas!» troa Alberto, erguida a espada,  
e no olhar faiscando a lava ardente:

«Ás armas!» gritou medonho,  
ao retroar do canhão.

«Que se levante o leão  
ao tremular das bandeiras;  
e que as aguias altaneiras  
sejam quebradas aos pés,  
como os tropheos da batalha!  
Ou vencer, ou a mortalha

nos seja aquelle estandarte;  
 mas que entenda Bonaparte  
 que tambem somos soldados,  
 os filhos de Portugal!...

«As armas!» bradou convulso  
 como rugido infernal!...»

A bombardra quebrava ao longe em echos  
 d'estertor infernal— Represa solta,  
 que partindo os grilhões assola tudo,  
 mais raivosa nas peias que a assoberbam—  
 accendia-se a chamma da batalha:  
 tormenta que derroca a nave afoita  
 em fragmentos no oceano, e mais rebrame  
 ao queimar-se em relampagos no espaço.

Os lusitanos como loucos, ebrios  
 se arrojavam ao centro d'esse inferno;  
 como a nuvem d'areia ao som do vento,  
 que rebrame um anathema horroroso  
 em noites de Janeiro. Alberto andava  
 no mais cerrado aperto da batalha,  
 como o raio no horror das tempestades,  
 nas trevas mais espessas. Sobre o sangue,

sobre o corpo dos bravos já prostrados,  
 e através d'esse fumo da metralha  
 que occultava na nuvem negrejante  
 o drama sanguinario, mais fogoso  
 perpassava qual genio das batalhas,  
 derrubando feroz em raiva intensa  
 os que ousavam soste-lhe o braço erguido.  
 Ao requeimar do fogo do heroismo,  
 fervia-lhe no peito a nossa gloria;  
 e ardente se atirava ao fogo, á morte,  
 como as ondas quebrando a furia ousada  
 em noites de tormenta sobre a praia,  
 ao rugir o escarceo na immensidade...



Amanheccera; e o sol trajava o ouro  
 com que Deos no diadema de fulgores  
                   lhe dera a c'roação;  
 e o universo expuzera o seu thesouro,  
 para thurifical-o nos ardores  
                   do rei da creação.

Era a manhã mais bella e mais formosa  
sobre a scena mais triste d'este mundo;  
— d'alegrias e dor  
triste contraste! — á festa rumorosa  
do sol nascendo, mais d'um moribundo  
invocava o Senhor.

Ostentava-se agora o hõrror da guerra  
no funebre cortejo d'agonias,  
no estrado de tropheos,  
espalhados e rotos sobre a terra.  
E como a voz fallando nas orgias  
da virtude e de Deos;

nessa orgia de dor e mortandade,  
sobre a esteira de sangue ainda quente  
d'esse quadro infernal,  
mil feridos pedindo a Deos piedade...  
Mas inda bem que palma refulgente  
ornava Portugal!

Ainda bem que os cantos da victoria  
festejavam aos hymnos d'alvorada,  
em festa de bonança,

mais aquelle florão da nossa historia;  
 quando a aguia corria afugentada  
                   aos rochedos da França,

vergonhosa escondendo-se, e abatida  
 mal voando nas azas já quebradas;  
                   e deixando em tropheos,  
 por sempiterna gloria á nossa vida,  
 sobre o Bussaco as pennas arrancadas!...  
                   Ainda bem, meu Deus!...

Oh! não! Mal haja a palma da victoria  
 que se hastêa nos corpos revolvidos  
                   no sangue d'um irmão!  
 Maldicto seja o vento d'essa gloria  
 que leva grãos d'areia, assim erguidos,  
                   da culpã na amplidão!

Que fumo te desvaira, humanidade?  
 Que loucura de sangue te abre as vêas  
                   em delirio feroz?

Não basta por espaço a immensidade,  
 para os povos quebrarem as cadêas  
                   que se lançam d'algoz?...



Alem, por entre um monte de cadaveres,  
Alberto jaz, da morte a pallidez;  
revolto em lodo e sangue, inerte e livido,  
já sonhando contigo, ó Deos, talvez.

Ai! doirae-lhe da luz da vossa graça  
essa frente, Senhor, amortecida!  
Accendei-lhe no mundo a estrella escassa,  
se sabeis que destino o prende á vida!

Deixae remar ainda o pobre naufrago  
do mundo no escarcéo, deixae, Senhor!  
Quem sabe a onda que se volve tumida  
para sorvel-o um dia em seu furor?

É espuma que referve a nossa vida:  
deixae-lh'a desfazer-se mais um dia,  
e pesae-lhe depois de assim batida  
o martyrio fatal d'esta agonia.

Ai! deixae-lhe, Senhor, findar o cantico  
da patria, gloria e amor; por compaixão,  
não lhe quebreis ainda essa harpa mystica  
dos seus hymnos febris do coração.

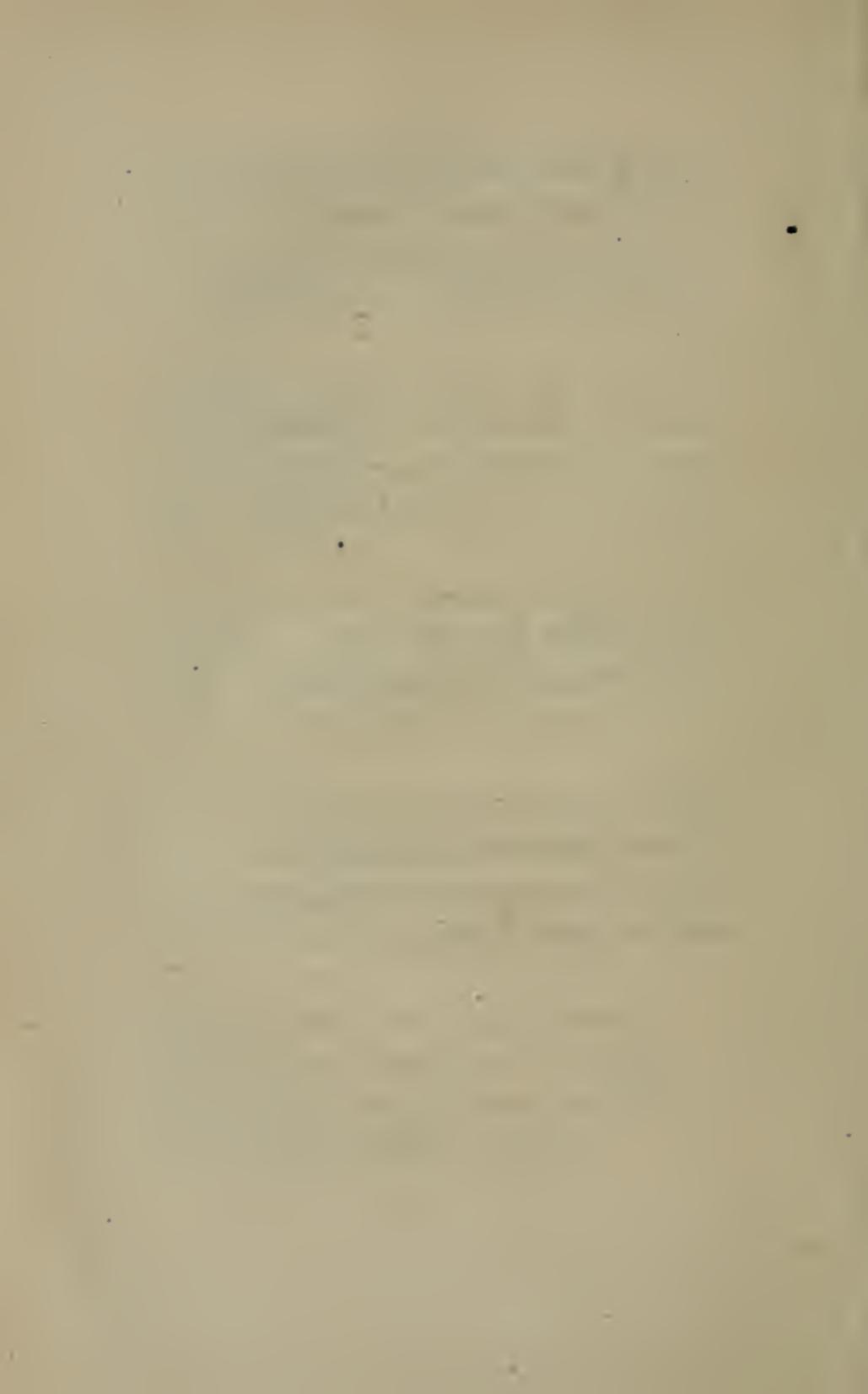
A patria, amor e gloria! Que anciedade  
a reflectir-nos nalma o Teu jardim!  
A patria, amor e gloria! A immensidade,  
os paramos sem raia, o mar sem fim!

A patria, amor e gloria!—O canto biblico  
sem prephetas na terra!—A luz que ardeu,  
como as nuvens, ao acaso, soltas, ebrias,  
á luz do raio!—O mundo, o espaço e o céo!

A patria, gloria e amor!—Trindade sancta  
que redime do lodo o peccador!  
Oceano immenso — onda que levanta  
sua espuma até Vós!... Deixae, Senhor,

findar ao desgraçado o doce cantico  
dos sonhos juvenis! Por compaixão,  
não lhe quebreis ainda essa harpa mystica  
dos seus hymnos febris do coração!

---



## CANTO V

### Orvalho Céleste



Tu já viste, leitor, no atroz martyrio  
o pobre, suspendido sobre o abysmo,  
cravar na rocha as mãos com fanatismo,  
acenando a esta vida com delirio?

Sepulchro aberto aos pés, e o céu por cima  
a reflectir-lhe nalma o brilho ethereo  
que cedo vai trocar pelo mysterio  
da ruina fatal? Se a luz o anima,

se um braço vem sostêr-lhe a vida em p'riço,  
 o pobre fica preso como a hera  
 que se enrosca no tronco; e a Deos prouvera  
 que houvesse cada vida um tronco amigo!

Seja embora que o abysmo nos fascina,  
 quando é triste o que vai parar-lhe á borda;  
 que o somnamb'lo da dor sómente acorda  
 no leito do sepulchro: quando a sina,

por entre os cardos mil do triste exilio,  
 nos tem inda guardadas umas flores;  
 quando a lyra do peito, á luz d'amores,  
 nos traz em descantada um doce idyllio,

a morte é sempre — o monstro atroz, informe  
 — o espectro das ruinas que se nutre  
 sómente em carne e sangue — o negro abutre  
 de myst'rioso horror, de corpo enorme...

Alberto, o trovador, que nós deixámos  
 da morte suspendido sobre o abysmo,  
 é mais um testemunho do aphorismo  
 que se deduz d'aqui; senão vejamos:

Um quarto sombrio e lugubre,  
vasto, espaçoso e doirado,  
em tudo fiel traslado  
d'antigo e nobre solar,  
se mostra aos olhos... Entremos.  
É noite: aurea lamparina  
de tenue luz illumina  
pallidamente o logar.

No meio um leito elevado,  
onde um alvo cortinado  
de simples tapeçaria  
formava triste harmonia  
com o pau preto do leito;  
doirado ao pallido alvor  
de luz que mal bruxolêa,  
infiltra logo no peito  
certo gelo aterrador,  
coando-se em cada vêa.

Uma secretária em frente,  
com um lavatorio a um canto;  
em volta algumas cadeiras,  
e, como tudo, igualmente  
servindo de pregoeiras

de antiga e nobre familia,  
era sem mais a mobilia  
d'este singelo aposento.

É noite, noite suave...  
Nenhum murmurio lá fóra;  
nem o rugido do vento,  
nem a harmonia d'uma ave.  
Cá dentro, apenas ás vezes  
coam-se oppressos genidos,  
como murmurios sentidos  
d'alma presa nos revezes  
d'immensa e viva agonia.

Abriu-se de manso a porta...  
Meu Deos, milagre sublime!  
Nem sei se a mente desvaira,  
ou se algum sonho me opprime.  
Queda um anjo ao limiar!  
Julgo que é anjo; que o olhar  
doira o quarto em luz divina,  
como a celeste magia  
d'uma estrella matutina,  
rasgando as trevas do abysmo!

Ao ver assim de repente  
demudada a noite em dia,  
parece alma do descrente  
a quem algum novo apóstolo  
fosse levar o baptismo...  
É anjo, é; que na frente  
traz misturada a innocencia  
da sua patria perdida  
com a amarga impaciencia,  
co'a tristeza indefinida  
d'um anjo que scisma e vela,  
por arrancar do martyrio  
um desgraçado qualquer!  
D'um anjo que veiu ao mundo,  
topou nas silvas um lyrio,  
sem desprendel-o poder!

Estatura airosa e bella,  
o rosto, um pouco trigueiro,  
de doce e nobre expressão,  
tal como a timida estrella  
que em noites de cerração  
se vê fulgir entre as nuvens;

porém mais bella e divina  
com a luz que mais fascina  
por esse lucto que a ensombra.  
Como aureola, o cabello  
entre o castanho e o louro,  
lembrando uma c'rôa de ouro  
debaixo de negro véo,  
ou quando a côr do crepusculo  
se vai sumindo no céo.

Lá caminha, escuta, espreita;  
nem deslisa mais subtil  
a penna que a briza deita  
pelas estradas no abril!

Parou extatica e muda.  
Colla a frente ao cortinado,  
e quando um ai magoado  
lhe vem das dobras do leito,  
contorce, enruga, transmuda  
aquelle rosto sereno,  
como se dentro do peito  
sentisse mortal veneno.

Correu um pouco as cortinas...  
 Perdoae-lhe; que a innocencia,  
 não têm recato fingido!  
 Atravessa — o rosto erguido,  
 sem ostentar o pudor —  
 ou no alcouce ou no templo,  
 ou no palacio ou na choça;  
 por toda a parte onde a dor  
 se nutre, cresce, e remoça  
 no sangue d'um desgraçado.

Oh! Sim!... Sabeis que a innocencia  
 não veste falso resguardo.  
 Calca aos pés o vicio e o crime,  
 passa até por sobre o lodo,  
 intacta, pura e sublime.  
 E se algum verme conspira,  
 se uma serpente a ameaça,  
 dá-lhe o céo como couraça  
 o resguardo da virtude,  
 e por luz a castidade;  
 pois quer Deos que ella se escude,  
 como quem um dia ha de  
 pisar a frente ao reptil...

Correu um pouco as cortinas;  
 e ficou por longo espaço,  
 como em extasis sublime,  
 sob o peso do cansaço  
 d'essa triste commoção  
 que adormenta, prostra, e opprime.  
 Pulsava-lhe o coração  
 em febril effervescencia;  
 e os olhos cahiram languidos  
 em myst'riosa expressão,  
 como em nuvem d'innocencia,  
 d'affecto, d'anceio e dor.  
 Depois, como que em delirio  
 rapido, vivo, profundo,  
 pediu fervente ao Senhor  
 a vida do moribundo.

«Senhor, perdoa meu fatal delirio,  
 se — pobre lyrio, me deslumbro á luz!  
 Se endoido ou pécco, perdoae-me agora,  
 que a peccadora não deslembra a cruz!

«Perdoa á pobre se algum sonho ardente  
 lhe doira a mente d'um fulgor sem termo!...

Sou filha humilde; se não estou perdida,  
salvae-me a vida d'este pobre enfermo.

«Que sina a minha a navegar sem vela!  
Nem sei que estrella me conduz ao porto.  
Se Deos me attende, que ventura infinda!  
Se a esp'rança é finda, tudo em mim é morto!

«Ao pé d'um tumulo a abrasar-me o fogo!  
Que eu morra logo, se profano a dor!  
Mas deixa ainda, se meu pranto ouviste,  
dar vida ao triste neste immenso amor!

«Não é por mim que me rebenta o pranto,  
embora tanto seja o atroz martyrio:  
é só por elle; que a mulher não ha de  
ver sem saudade definhar-se um lyrio!

«Arcia erguida na illusão d'um sonho,  
cruel, medonho, sinto o abysmo em frente.  
Tirae-me a vida, se tal dor mereço,  
mas dae-lh'a, peço, e morrerrei contente.»



Passaram já tres mezes. Fresca tarde,  
 ao perfumar da aragem, torna a terra  
     esplendido crisol:  
 das tardes em que o amor scintilla e arde,  
 se o sacrario do peito se descerra  
     á doce luz do sol.

Era um bosque de espessas laranjeiras,  
 que dirieis grinalda de noivado  
     do proximo solar.  
 Namoravam d'alli para as balseiras  
 as aves, que teciam seu resguardo  
     nas franças do pomar.

Era um jardim ao pé. A fresca aragem  
 brincaya docemente sobre as flores.  
     Um pouco mais em frente  
 tepido arroio vai — fatal miragem! —  
 namorando as abelhas nos amores  
     do seu cantar dormente.

Num canto do pomar em doce enleio  
 dois jovens fallam em ventura immensa,  
     eu sei... talvez d'amor;

que a um d'elles pulsa com fervor o seio,  
o outro o olhar de languidez condensa...

Escentemos, leitor:

«Adelaide, perdoae-me,  
se vos não digo o passado.  
Que vos val ter levantado  
uma lousa sepulchral?  
Deixae-me em paz as ruinas...  
Ha nas cinzas tambem fogo,  
que me queimaria logo  
como um remorso fatal.»

«Desculpae minha insistencia;  
que ás vezes a sympathia  
se converte cada dia  
em pesada impertinencia.

«Bem sabeis que desde o instante  
que vos achei moribundo,  
só tive em sonho constante  
restituir-vos ao mundo.

«Mas muitas vezes um lyrio,  
nos seus enleios de flor,  
transmuda por muito amor  
os aromas em martyrio»...

«Oh! nunca, nunca, por Deos!  
Cada vez que vos escuto,  
sinto em mim trocar-se o lucto  
por alegria dos céos.

«Se o meu passado me espanta,  
não é por mim, é por vós;  
que eu tremo de ser o algoz  
da vossa alegria sancta!

«Ainda assim, ha, senhora,  
uma lembrança sómente  
que eu desejo ter presente  
na minha alma em cada hora,

«para que nunca o thesouro  
d'esta immensa gratidão  
perca no meu coração  
um só quilate ao seu ouro.

«E é que um dia, arrojado  
 á maior miseria e dor,  
 vi appar'cer a meu lado  
 um anjo por salvador.

«Se me quereis ver despida  
 esta mortal pallidez,  
 contae-me ainda outra vez  
 como eu vos devo esta vida.

«Sou talvez impertinente?  
 Que quereis, se o enfermeiro  
 acostumou já primeiro  
 a taes mimos o doente?»

.....  
 .....  
 «Era um dia depois do da batalha  
 que fez ruir em terra o jugo extranho;  
 estrebuchava a aguia na mortalha  
 que lhe abriu no Bussaco Portugal.

Por toda a parte a gloria  
 aos echos da victoria  
 reanimava o peito aos portuguezes.

Meu pae, sabeis, senhor, que foi soldado,  
hoje está velho e tropego; os revezes  
talvez da nossa patria o têm matado.

Mas inda assim no peito  
abriga o coração da mocidade.

A cada novo feito  
que a nossa gente impõe á heroicidade,  
o pobre sente erguer-se-lhe fervente  
dentro do peito o sangue quasi morto.  
Ao saber-se a victoria tão fulgente,  
eu propria lhe senti luzir no rosto  
o fogo dos vinte annos. «Filha,» disse-me,  
«sou velho como vês, mas inda assim  
«sinto-me hoje com fogo; que um vel'rano  
«revive, cada vez que um novo damno  
«de si repelle a patria: para mim  
«cada gloria da mãe dá vida e força.

«Eu desejava ao menos,  
«já que não pude sobraçar a espada,  
«ir ver de perto a funebre pousada  
«d'essas aguias cruceis — raça estrangeira  
«de abutres esfaimados!... Mas a idade  
«tem-me quasi sem vida... Em caridade  
«para teu pae, faz-te hoje vivandeira.

«Vamos ambos d'aqui em romaria

«ao theatro da gloria...

«Eu quero embriagar-me na alegria

«de sentir inda o fumo da victoria»...

«E fomos...

«Que triste quadro, que sombrio ergastulo!

Que fundo abysmo de nefanda sorte!

Tantos escravos dos grilhões da morte!

Naufragos tantos no areal sem luz!

Inda hoje a mente me refoge timida,

se diante os olhos a visão accendo

do negro espectro d'esse quadro horrendo,

e fujo tremula a abraçar-me á cruz!

«Sangrentos, rotos esses corpos lividos!

Dispersos membros, encharcado o sangue!

Armas quebradas, tanto peito exangue!

Rostos desfeitos, tanto lucto e dor!...

E a humanidade a não parar no vortice

que a leva infrene ao turbilhão da guerra,

no louco sonho de alastrar a terra

de sangue humano, d'infernal horror!...

«Tinham levado os feridos,  
e só deixaram no campo  
aquelles cujos sentidos  
creram de todo apagados,  
para depois lhes cavarem  
sepultura de soldados;  
que diz meu pae que os valentes,  
como leito sepulchral,  
devem ter esse local  
onde cahiram com gloria;  
que é mais honrada a memoria  
assim d'um pobre soldado,  
que em monumento elevado  
em cemiterios fulgentes.

«Nesse quadro descoberto  
de horror, de lucto e de sangue,  
pisado, livido, exangue,  
ereis vós, senhor Alberto.

«Não sei que doce expressão  
tinha o rosto amortecido,  
que a nós logo compungido  
nos ficou o coração.

«Pareceu-me ver que na frente  
 havieis restos de vida,  
 e fiquei como perdida,  
 morta d'anceio e tremente,

«orando immovel e fita.

Meu pae palpou-vos no peito,  
 e vi-o quasi desfeito  
 numa alegria infinita,

«ao ver que ainda vivieis...

«Que mais vos direi agora?...»

Para esta casa viestes,  
 e pelas benções celestes  
 vejo-vos vivo nest'hora.»

«Perdoae-me vós, senhora...»

Sois infiel narradora,  
 que alguma cousa occultais.  
 E eu, por um contraste ignoto,  
 bem sabeis que sou devoto  
 das outras scenas finaes.

«O que vale é que essa história  
jaz-me impressa na memoria  
nas lettras da gratidão  
immensa, eterna, infinita,  
para ficar sempre escripta  
no fundo do coração.

«Fostes a minha enfermeira.  
Vossa diaria canceira,  
vosso continuo pensar  
foi só ver como o doente  
se ergueria de repente  
d'aquelle horrivel penar.

«Nas sombras do meu martyrio,  
entre a febre do delirio,  
eu vos via a cada instante  
ajoelhada ao pé do leito:  
até vos senti no peito  
o coração anhelante.

«Lembra-me bem que num dia  
em que mais funda agonia

me lanceava infernal,  
senti no rosto abrasado  
não sei que orvalho sagrado,  
que me abrandou todo o mal.

«Era uma lagrima vossa!  
Sabeis que o lyrio remoça,  
já do martyrio no cumulo,  
a cada orvalho da aurora?  
Foi como eu fiz: naquella hora  
ergui a frente do tumulo.

«E depois em cada dia  
mais e mais se me accendia  
dentro do peito a saude,  
ao sol do vosso sorriso,  
d'esse olhar no paraiso,  
da vossa voz no alaude!»

---



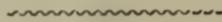
## CANTO VI

### Sobre o Lago



Rasgae o canto, leitores,  
se todo um canto d'amores  
vos embriaga demais;  
que eu bem sei que muitas vezes  
até no aroma das flores  
ha mil venenos fataes.  
Que quereis, se a minha vida  
se sente toda incendiada  
no culto d'essa trindade  
— Deos, o amor e a poesia?

Perdoae, por caridade,  
 se á vossa alma sensitiva  
 tanto perfume faz mal.  
 Ainda mais, perdoae,  
 se em vez d'um pobre poeta  
 só tendes um sonhador  
 que se illumina á luz viva  
 das illusões... e rasgae  
 todo este canto d'amor...



Era em noite d'Abril, quando irradia  
 a miragem azul do paraiso,  
 que enfeitiça o universo de poesia,  
 como d'archanjos dulcideo sorriso.

Estava ao mundo aberta a Biblia sancta,  
 que mostra a Deos escripto em letras d'ouro,  
 na cupula divina que levanta  
 a noite por altar do seu thesouro...

Accendeu-se o sacrario: andae, prophetas!  
 Eu fallo á juventude: namorados, —

voae por esse céo, quaes borboletas,  
a estudar nas estrellas vossos fados!

Não volta a mocidade! A chamma ardente,  
por mais Vestaes que tenha, morre um dia.  
Aproveitae, que o templo está presente,  
e a sibylla d'amor jámais varia .

o preço dos destinos: por oblata  
exige corações de juventude;  
suspiros por incenso; o ouro e prata  
dos sonhos juvenis por alaude.

No bosque de laranjeiras  
que bordavam o solar,  
havia um lago onde um barco  
boiava á luz do luar,  
como o boiar d'uma rosa,  
deslisando preguiçosa  
por sobre a espuma do mar.  
E quando o remo quebrava  
nessa cadencia indolente  
aquella esteira dormente,  
á branda luz do luar,

tal como as azas d'um cysne,  
a espanejar-se dascivo,  
fagueiro, doce e captivo  
das indolencias d'amor,  
essa agua pura cantava,  
ao despertar-se do somno,  
e á branda luz do luar;  
e, toda alegre, saltava  
em mil aljofres ao ar.

Recortava-se na espuma  
a sombra do laranjal,  
como a cortina de bruma  
a desfranjar-se no val.

Passava, doce e fatal,  
a namorar de magia,  
a myst'riosa harmonia  
da morna aragem da noite.

E os pobres astros tremiam,  
como a pedir quem acoite  
aquelle brilho do céo,  
com mil saudades fitando  
a nós, os entes da terra,  
taes como a noiva mirando  
por entre as franjas do véo

ao seu poeta d'amor.  
E o sanctuario infinito  
trajava o fulgido amicto,  
como os adornos do altar  
das galas mil do Senhor.  
E o pobre barco boiava  
á branda luz do luar.

Lá dentro dois namorados,  
como esquecidos no abraço  
que os apertava d'enleio,  
a traduzir enlevados  
o seu futuro no espaço  
pelos suspiros do seio,  
fallavam baixo d'amor  
á branda luz do luar.

«Que triste a lua no espaço!  
Olha aquelle astro que aponta  
o nosso destino alem!  
Ai! como o seio remonta  
aquelle céo que nos vem  
trazer as benções d'archanjos!  
E eu sinto que voaria

agora ao seio dos anjos,  
 se não tivesse a magia  
 d'essa tua alma tão pura;  
 se me não désses tão certo  
 aqui um céo de ventura!

«Mas em que scismas, Alberto?  
 Que recordação sombria  
 nos quer roubar a alegria  
 d'estes momentos d'enleio?...  
 Sonhas acaso a ventura?  
 Eu dou-t'a, que no meu seio  
 tenho ainda resguardado  
 tudo o que tu me tens dado  
 dos teus affectos no ardor.  
 Não venha porém agora  
 alguma nuvem funesta  
 perturbar a nossa festa,  
 enluctar o nosso amor.

«Recíta qualquer hallada...  
 Seja o que for... uma historia...  
 Tu és poeta... Coitada!  
 É p'ra ti mesquinha gloria

ter ouvintes como eu;  
 mas faz de conta que o céo  
 te escuta os hymnos, e a briza,  
 que tão serena deslisa,  
 os leva aos pés do Senhor...  
 Ai! canta um hymno de festa  
 á nossa noite d'amor.»

Mal se lhe ouvira o canto; a voz suave  
 morria como harpejo d'uma ave,  
 a desferir saudades nas ramadas  
     em triste suspirar;  
     assim como as toadas  
 do vento quando chora nos salgueiros  
     em noites de luar.

#### Os Noivos do Lago

«Em noite como esta, na esteira do lago  
 os flocos d'espuma boiavam trementes.  
 No espelho das aguas poisavam dormentes  
 as cintas de prata das noites de Abril.

E o hymno das ondas, d'envolta na briza,  
 fervente cantava mais doce harmonia;  
 e ao culto da noite formosa sorria  
 a noiva do espaço no throno d'anil.

«Que noite! E no lago, na esteira de prata  
 essa agua, parece, fervente se enleia  
 de abraços perdidos, quebrados na areia  
 em cantos gemidos nas trovas d'amor!  
 Que noite! E na praia, nas margens do lago,  
 a briza pedia perfumes ao lyrio;  
 e vinha e voltava e bebia em delirio  
 perfumes sem conto no calyx da flor.

«E juncto do lago formoso adejara  
 um anjo da noite nas azas de prata;  
 no manto de alvura que o cysne retrata,  
 a frente cingida de c'rôas de luz!  
 Silencio nas aguas! Silencio nas brizas!  
 Que, após, sacerdote do culto d'amores  
 lhe queima no fogo da voz dos louvores  
 incenso dos anjos que a lyra traduz!

«Ai! anjo, os hymnos mysticos

«das ondas d'este lago,  
 «são canto aereo e vago  
 «á nossa luz d'amor!  
 «Ai! virgem, o murmurio  
 «do lago prateado  
 «é canto de noivado,  
 «para embalar-te, flor!

«Oh, vê que doce e tremula  
 «A briza pouisa o canto  
 «no thuribulo sancto  
 «que o nosso amor nos deu!  
 «Olha que doce anhelito  
 «te vem cingir a lua  
 «— grinalda que fluctua  
 «na luz do nosso céo!

«Entremos, flor, na gondola,  
 «rememos nesse lago!  
 «Ha alli não sei que vago  
 «enlcio na amplidão.  
 «Entremos! Seja o thalamo  
 «do nosso amor celeste,  
 «aquelle que vieste  
 «buscar na solidão.

«Ouve! Que festa magica  
 «nesta harmonia immensa!  
 «A natureza incensa  
 «a luz do nosso amor.  
 «Entremos, que o murmurio  
 «do lago prateado,  
 «é canto de noivado  
 «para embalar-te, flor!»

«E remaram nas aguas, na grinalda  
 que lhes fôra eingar da espuma a flor,  
 oscillando na esteira d'esmeralda  
 que lhes vinha cantar hymnos d'amor.

«E boiaram dormentes nessa gondola,  
 — dois cysnes que a corrente adormeceu —  
 tendo o leito das aguas como thalamo,  
 e como sol d'amor a luz do céo.

«E essa noite por canto de noivado  
 afinara mais dulcida harmonia  
 no ambiente do lago, embalsamado  
 do sacrosancto incenso da poesia.

«Abraçaram-se então, e nesse anhelito  
 respirara mais vivida a paixão;  
 que juncto ao peito, como a flor no calyce,  
 abriga-se mais doce o coração.

«Foi ligeiro o sonhar, e após o abraço,  
 o mancebo, febril com essa palma,  
 tecera o epithalamio a esse laço,  
 á luz da inspiração que tinha nalma:

«O amor é astro que fulgura, e ledó  
 «mostra em segredo mil visões do céo:  
 «prazer d'um sonho, respirar d'um lyrio,  
 «doce delirio que delirios deu.

«Amor é brando ciciar da aragem  
 «que na folhagem vai poisar subtil;  
 «é ambiente do jardim, do prado,  
 «embalsamado neste mez d'Abril.

«Amor é onda que desfralda o vento,  
 «e num momento se perdeu no mar;  
 «que noutras ondas foi prender num laço,  
 «e doce abraço noutras aguas dar.

«Amor é festa de suaves hymnos,  
 «de sons divinos a fallar dos céos;  
 «é voz suave de harmonia sancta  
 «que passa e canta, como a voz de Deos.

«Amor — safira que dos anjos tida  
 «nos doira a vida nos parceis da dor —  
 «da sorte eu dera essas demais caricias  
 «pelas delicias d'um sorrir d'amor!

«E este meu sonho d'ouro aereo, immenso,  
     «tu, flor,  
 «vieste dar-me agora o sonho aereo  
     «d'amor!

«Abençoada sejas, que me déste  
     «a flor  
 «que eu guardarei nesta alma em culto sancto  
     «d'amor!»

«Ai! guarda sim o lyrio  
 «do nosso affecto puro!  
 «Por Deos, que no futuro  
 «não morra em teu jardim!

«Ai! guarda a flor tão pallida:  
 «abriga-a tu do vento  
 «ao pé do juramento  
 «do nosso amor sem fim!

«Ai! guarda-a! Por thuribulo  
 «do nosso affecto immenso  
 «que seja ardido o incenso  
 «á luz do coração!

«Ai! guarda-a! Se nas petalas  
 «chover um dia a neve,  
 «ó Deos, que seja breve  
 «a minha vida então!»

«E cingiram-se ardentes noutro abraço,  
 a mente incendiada no delirio  
 de sonho aereo e vago.

A orchestra inda soava pélo espaço,  
 e a lua, a namorar no alvor do cirio,  
 alumiava o lago.

«Mas depressa mudou-se o véo celeste...  
 Foi nuvem fluctuando pardacenta  
 nas franjas de negrura.

Ó phantasma das sombras que vieste  
 por funebre sudario da tormenta,  
 não turbes a ventura!

«Anjos da noite, foi-se a vossa estrella!  
 e essa nuvem com passos de gigante  
 galgara na amplidão.  
 Ribombara no grito da procella,  
 de envolta pelo espaço, a voz distante  
 dos echos do trovão.

«E um raio se cruzara á luz do inferno,  
 — o traço acceso no listão dourado,  
 — anathema de Deos;  
 e o vento revolvera-se no eterno  
 bramir da sua raiva, erguendo ousado  
 sua blasphemia aos céos.

«E o lago arremeçou com raiva intensa,  
 sorvendo espuma em cada abysmo, ousada,  
 horrente voz do mal.  
 Era guerra de morte, guerra immensa  
 á natureza; e o lago p'ra a cruzada  
 dava um canto infernal.



«Implora a luz sagrada  
«da graça do Senhor!»

«E quando a aurora erguera a frente lucida  
a pratear os paramos do espaço,  
viram-se inertes nas areias humidas  
os dois noivos cingidos num abraço.»

Findara o trovador. Aereo e tremulo,  
nos labios lhe morreu triste gemido,  
das cordas da sua alma só ouvido  
nos ais da sua dor.

«Ai! quem me dera tambem  
morrer contigo abraçado  
neste momento d'enleio...  
Mal sabes o desgraçado  
que estás apertando ao seio!»

Foi nuvem que passou... Ardentes, loucos,  
arroubaram-se em mystico sorriso.

Olharam para o ar,  
como a sorver a luz do paraíso;

e depois, no consorcio d'um abraço,  
em ethereo sonhar,

voaram ás venturas dos archanjos:  
um effluvio subtil do céo d'amores  
ao peito lhes desceu...

Meu Deos, se é grande o numero dos anjos,  
deixae ficar na terra, ao pé das flores,  
estes anjos do céo!



Sonharam ambos. A ella  
o sonho dos seus amores;  
perfumes, astros e flores;  
as brizas e as borboletas;  
amor-perfeito, violetas;  
a lua, os anjos e os céos!  
O triste sonhou primeiro  
tambem d'amor, de ventura;  
grinaldas, rosas e hymnos;  
Ouin os coros divinos  
das harmonias de Deos...

Depois voltara-lhe a mente  
ao seu passado, á alegria  
d'esses momentos da vida;  
e a idéa de Margarida  
cruzou-lhe viva e fervente.  
E viu então essa estrella  
ha tanto tempo perdida,  
mas nunca, nunca esquecida;  
que, até nas horas d'enleio,  
só Deos sabe em que saudade  
se alevantava no seio  
aquella imagem gravada  
no livro do coração.  
Mas o destino levava-o,  
como a corrente do mal,  
assim no fogo do inferno  
d'essa loucura fatal;  
que ao raio que fende as nuvens  
ninguem vai marcar-lhe o passo:  
ninguem lhe escreve no espaço  
a lei que Deos lhe não deu!  
Á onda que se revolve  
tão livre na immensidade,  
quem pode traçar, quem ha de

marcar-lhe a senda no mar?  
E o amor é como o raio,  
ou como as ondas, altivo,  
nunca domado ou captivo,  
sem se torcer, nem quebrar!

Viu o céo da sua aldeia,  
a casinha, o laranjal,  
as pobres rosas perdidas  
as margaridas do val.  
E viu a pobre assentada  
ao pé do lago, enlevada  
na sua estrella dos céos,  
como elle a vira noutr'ora,  
toda encantada e perdida,  
a conversar esquecida  
co'os outros anjos de Deos.

E viu tudo... viu alem  
aquelle mar de ventura  
que já sonhára tão pura  
em outras horas d'amor.  
E viu tudo... viu a pobre,  
chorando o fel do martyrio;

fallando, louca, em delirio  
do seu amor tão ardente.

E viu tudo... Até na mente  
sentiu as sombras do inferno  
como um presagio funesto...

E chorou... Só sabe o Eterno  
as convulsões, o tormento  
assim d'um sonho em delirio,  
quando o remorso um momento  
levanta a frente infernal...

E acordou convulso e tremulo,  
arfando o peito, gelado,  
como o erguer do condemnado  
na sua noite final.

Olhou a pobre donzella  
que o apertava no seio.  
Sonhava em dulcido enleio,  
nesse somno da innocencia  
que sómente a Providencia  
concede aos anjos do céo.  
Dormia á luz do luar,  
ainda ao canto dormente  
das mesmas ondas do lago,

naquelle aneio tão vago  
das castas filhas d'amor.

Acordou-a então do somno,  
gelado, louco e tremente  
nas convulsões d'essa dor.

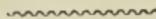
«Desperta, filha, do enleio,  
para fugir ao meu fado,  
se sabes o desgraçado  
que estás apertando ao seio!»





## CANTO VII

### A Via Dolorosa



Era uma noite d'inverno  
medonha, torva e sombria;  
quando no espaço irradia  
essa blasphemia d'um raio.  
Um d'esses quadros do inferno  
que se desloca na terra;  
sinistra imagem da guerra  
nas convulsões d'um imperio  
que desmantela o canhão...

D'espço a espço o trovão  
cantava a horrenda ballada  
do seu presagio funesto.  
Às vezes a gargalhada  
do vento quebrando infesto  
contra os penhascos da serra,  
em seu lamento sacrilego,  
vinha augmentar este horror;  
como nas noites de guerra  
ouvindo-se o arranco extremo  
d'um moribundo maldicto  
em seu estertor blasphemo.  
Outra vez magoado grito  
da briza que se acoitava  
nas franças do pinheiral,  
lembrava a nota magoada  
d'alaude que estalava  
na sua corda final.  
Cahia a chuva em torrente  
aguda, fria e gelada,  
como a lembrança tristonha  
d'outro diluvio imminente...  
Par'cia que a tempestade  
era uma orchestra medonha,

cantando á humanidade  
o epicedio final!

Um raio lampejou. Clarão escasso  
rasgou um pouco os crepes condensados  
d'esta noite de horror:  
como funebre dedo que no espaço  
inculpisse com fogo aos condemnados  
a ira do Senhor.

Alem, sobre a montanha, o som do vento  
repercutia em lugubres toadas  
por sobre os alcantis,  
como do espaço um tetrico lamento.  
De instante a instante pedras arrancadas,  
em impetos febris

pela encosta rolavam. A torrente  
engrossava nas ingremes regueiras  
da montanhã fatal.  
Minando o fundo ao cerro, um mar ingente  
de chuva refervia em cachoeiras  
nos abysmos do val.

Ai! que blasphemia, ó noites de tormenta,  
 vos arranca dos paramos do inferno  
 por negra maldição?!...

Sudarios d'algum crime que se ostenta  
 nas trevas só — que ao menos ouça o Eterno  
 a supplice oração!

Cabia mais a chuva. Um raio se accendera  
 de novo nesse horror; e á luz que mal rompera  
 por entre cada espectro erguido no horisonte,  
 avistou-se na estrada aberta sobre o monte  
 um vulto de mulher, olhando para os céos.  
 Aos pés lhe está o abysmo; em volta, só se Deos  
 a vê na escuridão; o mais, nem um murmurio  
 que indique bafo humano; apenas por turgurio  
 escarpa mal aberta aos pés da penedia  
 offerta á peregrina asilo até ser dia.  
 Se o rosto, mal distincto á luz d'aquelle raio,  
 não mostrasse um archanjo erguido do desmaio,  
 pallido e tremente, incerto o passo e a vida,  
 julgáreis um phantasma errando, mal cumprida  
 sua sorte cruel... Descanta ao longe a orchest'a  
 horrisono fragor da mais horrenda festa.  
 No céo nem uma estrella... Em louco turbilhão,

qual horrído estertor de proximo vulcão,  
 vacillam pela base as moles de granito.  
 Ai! dia de Juizo! A graça do Infinito  
 proteja a caminhante — a pobre sem conforto,  
 errante sem pharol, a naufraga sem porto  
 nas trevas d'esse horror!... A prece ouviu-a Deos.  
 D'um raio a luz furtiva, abrindo-se nos céos,  
 como um riso de Deos em noites de agonia,  
 fez ver á caminhante, aos pés da penedia,  
 mal enchuto covil, deserto e resguardado  
 em parte da tormenta: encantos de noivado  
 em noite assim atroz! «Ai! luz da Providencia,  
 sê tu abençoada,» — em sancta effervescencia  
 orava essa infeliz «Eu vejo a tua mão  
 desviar-me do abysmo, e a atroz escuridão  
 rasgar-se á tua luz. Julgava-me perdida,  
 e dás-me de repente asilo, tecto e vida!  
 Abençoada seja a sancta caridade  
 da tua graça, Senhor; que nunca a orfandade  
 te levantou em vão a prece do martyrio!»

Cantava a tempestade em soffregio delirio  
 nas fendas do covil; mas dentro d'esse asilo,  
 se o vento lá entrava, apenas em sigillo

vinha embalar o somno á pobre caminhante.  
 Lá fóra inda o tufão passava em furia ovante  
 com prestito infernal por sobre a escuridão.  
 Não descançava o raio, e o horrido trovão  
 não dormia tambem; mas Deos vela a innocencia.  
 Dorme pois, Margarida! A voz da Providencia,  
 em perpetua vigilia, attende lá do empyreo,  
 nas trevas ou na luz, ás filhas do martyrio!

Margarida!... Nem eu sei  
 se este nome inda revela  
 uma lembrança á leitora;  
 se aquella pallida estrellla  
 que nós fitámos numa hora,  
 se aquelle pallido lyrio,  
 roubado aos jardins do empyreo,  
 regado aos prantos da aurora,  
 não jaz agora perdido  
 nas trevas do esquecimento.

Eu por mim, nem um momento  
 se me riscou da memoria  
 d'aquelle anjo a pobre historia,  
 d'aquelle estrellla o esplendor;

pois quando tópo na vida  
acorrentada uma flor,  
como a pobre Margarida,  
nos espinhos dos silvados,  
não sei se d'alma cuidadòs  
de mutua fraternidade,  
sempre saudosa amizade  
me traz nesta alma essa flor.

Como vimos noutra parte,  
entre Alberto e Margarida  
trouxe a guerra desabrida  
como phantasma o dever.  
Trocou os mysticos vôos  
d'aquellas candidas aves,  
trocou as manhãs suaves  
d'aquelle pallido lyrio  
pelo còtinuo martyrio  
de saudades de morrer.

Cada instante era a tortura  
de visões tumultuando  
numa continua amargura  
sobre a mente da infeliz.

Passavam como em relampago  
ora renhidas batalhas,  
ora sangrentas mortalhas  
envolvendo mal distinctas  
umas fórmis varonis.

Ás vezes como um phantasma  
levantava-se-lhe ao lado,  
hirto, sangrento e gelado,  
de horrorosa pallidez,  
o corpo do seu Alberto.

A pobre então, como louca,  
olhar desvairado, incerto,  
palpava a frente exaltada,  
a ver se estava acordada  
ou se dormia talvez.

Se dormia, nem Procusto  
no seu leito de tormentos  
passava negros momentos  
de tão profunda amargura.  
Era a continua tortura  
que em nós produz a saudade,  
tornada ainda mais dura

ao fogo d'aquella edade  
aos sonhos do coração.

Às vezes a Providencia,  
para doirar por instantes  
tão espessa escuridão,  
mandava-lhe por clemencia  
do sol uns raios cambiantes.  
Era um sonhar de delicias,  
com as celestes caricias  
da volta do seu amado,  
coberto todo de gloria  
e do brio do soldado  
que tem honrado as bandeiras...  
Depois ouvia o murmurio  
d'aquellas juras primeiras  
como a voz do paraíso;  
banhava-a o dulcido riso  
d'aquella candida imagem  
do seu pobre trovador...  
E arrojava-se á voragem,  
immensa, eterna, infinita,  
do seu futuro d'amor...

Vinha de longe a guerra nos reverberos,  
da multidão nas vozes, que engrandece,

por indole nativa,

o mais leve accidente que acontece.

A cada vóz do povo era mais viva

a chamma d'esse inferno que abrasava

a pobre Margarida.

Ás vezes se pintava

o exercito francez em debandada,

e noutras se dizia derrotada

a força portugueza: era um martyrio

insano, atroz, immenso, em cada dia...

Não ouviste, leitor, numa agonia

qualquer dobrar dos sinos,

repique embora com alegres hymnos,

cahir-te lento e lugubre no peito

em magoa indefinida?

Era assim, quando o povo

vinha contar de novo

algum facto, que a pobre Margarida

sentia um mar desfeito

de pranto amargurado; talvez seja

que nalma lhe actuasse a prophecia

dos seus futuros dias: a agonia  
parece que viceja  
de antemão sobre o peito aos desgraçados!

Uma vez, percorria em phrenesi  
a fama pelas turbas. Em distancia,  
parece, respirava-se a fragancia  
das c'róas da victoria. Portugal  
mostrára-se inda egual  
aos dias de Montijo e Montes Claros;  
e o povo festejava com loucura  
mais aquelle florão da nossa historia;  
com os fumos da gloria  
estampara-se em todos a ventura.

Margarida, essa ouvira com receio  
a noticia: fatal presentimento  
lhe viera sangrar dentro do seio;  
e por fatalidade,  
d'envolta co'os ruidos da victoria,  
lembravam-se os heroes d'essa batalha,  
e cantava-se a nenia da mortalha  
pelos filhos da gloria.

Alberto era chorado pelas turbas:  
 a verdade  
 mostrou-se a Margarida num momento.



Ai dos que a dor assignalou na frente!  
 Lyrio crescido na espinhosa senda,  
 embora um dia aos silveiraes ascenda,  
 em breve o espinho lhe rasgou a flor!  
 Vejeta e cresce no martyrio insano,  
 em cada instante nova dor sentida,  
 tal como a vaga do tufão batida,  
 vivendo só d'essa continua dor!

Ai d'esses pobres que o areal percorrem  
 com lento passo de continuas dores!  
 Deserto immenso d'infernaes ardores,  
 é longa a estrada?... Caminhae sem fim!...  
 Não morrem, ficam; não se extinguem, vivem:  
 por sombra o lucto, por bebida o pranto;  
 que a morte fôra lenitivo sancto,<sup>3</sup>  
 descanço eterno d'uma insomnia assim!

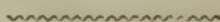
Tal sello da desventura  
quadrava com Margarida.  
Por mais profunda ferida  
que lhe rasgasse a amargura,

parece que a Providencia  
a guardava sobre o abysmo,  
para continuo baptismo  
no véo da sua innocencia.

Após immenso martyrio  
ergueu-se convallescente,  
a queimar-lhe sobre a mente  
um pensamento sem termo.  
Sabia que estava enfermo  
o seu pobre trovador,  
sem ter palavras d'amor  
a mitigar-lhe o soffrer.

O seu dever  
marcava-lhe a cabeceira  
do leito do moribundo;  
e foi... Pobre mensageira,  
Deos te pague noutro mundo  
a tua missão d'amor!

Agora, como o leitor  
já tem diante a miragem  
d'esta pagina sentida  
na historia de Margarida,  
siga commigo a viagem.



Amainara a tormenta. A madrugada  
vinha rompendo em cantos festivaes,  
como saudando em doces madrigaes  
a paz da natureza. Em descantada

rompia a doce orchestra d'essas aves,  
que se arroubam de mysticos amores,  
ao verem da alvorada os resplendores.  
Harmonisava em canticos suaves

a briza nos pinheiros. Era o incenso  
que sóbe cada dia ao Creador  
de toda esta harmonia, que o Senhor  
implantou na obra do seu genio immenso.

Quando á voz de taes cantores  
acordou a caminhante,  
banhava o sol deslumbrante  
a crista dos arredores.

Depois de noites d'inverno,  
tão formoso despertar  
assemelhava um altar  
erguido ás portas do inferno;

que se a manhã deslumbrante  
nos banha o peito em fulgor,  
não ha na vida uma flor  
que não viceje um instante!

Ao erguer-se Margarida,  
veiu a briza com receio  
lançar-lhe dentro do seio  
d'essas montanhas a vida.

Vinha de longe a harmonia  
das aguas d'uma cascata,  
tecendo fios de prata  
na c'rôa da penedia.

Ergueu-se a pobre em loucura,  
nadando em extase o peito;  
e sagrou a Deos o preito  
da sua immensa ternura:

«Esta manhã de alegria  
é como um riso d'esp'rança,  
que me promette a bonança  
d'este viver d'agonia.

«Abençoada, Providencia,  
a vossa mão protectora,  
que vos mer'ci — peccadora  
a minha vez d'indulgencia!»

---

Lá segue o seu destino. Longas voltas  
recortam a montanha. Ao longe a estrada  
em perspectiva prende cêrro a cêrro.  
A cada volta rasga-se o horizonte  
em nova apparição. Distante fumo  
ascende em espiraes, como de fogo  
a columna mostrando aos Israelitas

a terra promettida. Cobra alentos  
a pobre caminhante, o passo aperta.  
Renova-se de sangue o peito exausto;  
mas lavra-lhe no seio, ha pouco alegre,  
pavor indefinido. Segue a estrada.

Era um povoado em frente, visinhança  
de Coimbra — visão doce, o Eldorado  
do seu fadario triste Algumas casas  
alvejavam de prata, em listas d'ouro,  
que o sol tirava ás franjas do seu throno.  
No centro um campanario se ergue aos ares  
d'altivo corucheo; vistosa egreja  
o prende do occidente. O seio trémulo  
da pobre se agitou em sancto enleio.  
Depois das tempestades d'essa noite  
topava enfim com Deos: a Providencia  
mostrava-se benigna... Corre á pressa.  
Estava o templo aberto. Fervor sancto  
de pia devoção impelle-a dentro.

---



## CANTO VIII

### O ABysmo



Era no templo festa, e festa de noivado,  
incenso da nossa alma aberta á luz do amor  
que veiu em mez d'Abril — horoscopo doirado —  
dizer ao coração: «floresce como a flor.»

Noivos, relêde o canto... Eu busco em treva densa  
o sol dos corações, e em cada novo dia,  
peregrino sem vista, a nuvem se condensa.  
Fitae por mim o sol; que aos cegos alegria

é não desperdiçar-se o brilho das estrellas  
 que gyram como soes na eterna immensidade,  
 esperando talvez que um dia o brilho d'ellas  
 lhes cortará o véo d'atroz escuridade.

Festejo de noivado! Esparge os teus perfumes,  
 ó laranja em flor! Redoma de fragancias,  
 entorna-te no peito em balsamo dos numes!  
 Erguei, pombos, o surto ás divinaes estancias!

Borboletas d'amor, que a chamma não devora,  
 salamandras, medrae do thalamo no fogo!  
 Se o gozo vos matar, morrei de gozo embora:  
 quem morre de prazer reascende á vida logo!...

Era no templo festa, e festa de noivado,  
 incenso da nossa alma aberta á luz do amor,  
 que vein em mez d'Abril — horoscopo doirado —  
 dizer ao coração: «floresce como a flor.»

Havia adorno esplendido  
 naquelle augusto espaço;  
 recamos d'ouro e purpura,  
 de virides florões,

em cada altar, prendendo-se  
 dos tremulos no abraço;  
 e em cada augusto symbolo  
 esplendidos festões.

Brilham fulgentes lampadas  
 do incenso entre os vapores  
 que sobem dos thuribulos  
 do templo ao sobrecéo;  
 e a cada altar, em cupula  
 de nitidos lavores,  
 o sobredeira mystico  
 docel d'argenteo véo.

Sobre o altar mór, em fulgida  
 cascata auriluzente,  
 os cirios nos reverberos  
 redobram de fulgor.  
 Acceso tabernaculo  
 é o sacrario em frente,  
 guardando em seus reconditos  
 a imagem do Senhor.

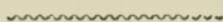
Suspira doce musica

em notas de alegria,  
philtrando nos espiritos  
trememente commoção,  
como a cadencia unisona  
de dulcida harmonia,  
vibrando no psalterio  
d'angelica mansão.

Os noivos — pombos candidos,  
ou anjos d'outro mundo,  
sorrindo quedam proximos  
da escada do altar mór;  
de vago aneio tremulos,  
e, vasto mar profundo,  
concentram como extaticos  
no olhar represado amor.

Um d'elles — d'alva clamyde,  
o rosto — manso lago,  
nem sombra de crepusculo  
lhe tolda a limpidez.  
O outro — lyrio timido,  
por entre o enleio mago  
ás vezes nuvem rapida

lhe cruza; eu sei, talvez  
 sombra que rasga o tumulto  
 dos seus passados dias,  
 e vem, de negro involuero,  
 ao centro do festim,  
 sobre a parede esplendida  
 traçar as prophecias  
 d'algum abysmo erguendo-se  
 em seu futuro fim!



Deixae sorrir o amor ao incenso do delirio;  
 prestaes culto ao prazer, leitoras, mas que o lyrio  
 não morra sem piedade.

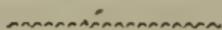
Num seio generoso ha sempre dupla corda  
 que ou vibra de alegria, ou gemebunda acorda  
 endechas de saudade.

Em quanto a mim, porém, adoro em fanatismo  
 o naufrago na dor, o pobre sem baptismo  
 no inferno da desgraça.

Aos outros, porque o sol lhes fez brotar as flores,  
 basta-lhes a ventura; a estes só as dores  
 a compaixão embaça!

Por isso mais te adoro, ó pobre Margarida;  
 e prouvera ao Senhor pudesse a minha vida  
 remir a tua dor!...

Nem mais um riso aqui! Ao pé da desventura  
 é sacrilegio o riso; e eu sinto que me apura  
 um mystico fervor.



Entrara a pobre no templo,  
 trasbordando-lhe do seio  
 o religioso aneeio  
 do balsamo da oração.  
 Lá fóra podia o mundo,  
 em seu desprezo profundo  
 por qualquer desventurada,  
 lançal-a fóra da estrada,  
 pisar-lhe a frente no chão.  
 Aqui não; que Deos é pae,  
 e vale-lhe mais um ai

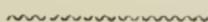
regado em prantos no peito,  
nas trevas d'alma disperso,  
do que o esplendido preito  
dos pod'rosos do universo.

Escondeu-se no recanto  
mais sombrio d'essa egreja.  
Talvez que receio seja  
de que a esplendida cascata  
das alampadas e cirios  
lhe seque as bagas do pranto;  
que a dor profunda retrata  
a sentida flor dos lyrios,  
que teme que o sol ardente  
lhe seque orvalhos da aurora.

Ajoelhou-se então: Na mente  
algum mysterio labora  
de terrivel commoção;  
que o pranto corre em torrente,  
e, pelos sulcos da face,  
indica fogo vivace  
que sobe do coração.  
Depois ficou abysmada

nem eu sei se no preterito  
ou nas sombras do porvir.  
Estatua galvanisada,  
quedou de todo o sentir,  
parou-lhe o peito que arfava,  
ficou-lhe firme a pupilla.  
E a quem a visse tranquilla,  
immovel, fita, lembrava  
que essa alma fôra de perto  
implorar a Deos piedade  
para a tremenda orfandade  
do seu immenso deserto...  
Dize, archanjo, que mysterio  
teu vôo d'alma equilibra?  
Talvez no eterno psalterio  
falte uma nota que vibra  
a favor da desventura,  
e tu vás vibrar-a agora.  
Se assim é, por caridade  
sê tambem a redemptora  
do trovador, que te implora  
por allivio d'amargura,  
um raio de luz nas trevas!  
Sou teu irmão no martyrio:

leva-me contigo, ó lyrio,  
no aroma que a Deos elevas!...



Corria a festa. Da harmonia esplendida  
o som findara no int'rior da egreja;  
nem aza leve de susurro adeja;  
redobra o aneio do anhelado fim.  
Fitam-se os noivos, que ajoelham candidos,  
trememente o seio de volupia sancta,  
e olhar repleto de magia tanta;  
e cada ouvido se prepara ao — *Sim*.

Doce palavra que és a chave magica,  
rasgando ao homem um futuro lauto!  
Poucos te sondam, viajante incauto,  
por isso o abysmo te sorveu sem dor!  
Palavra doce, a cujo timbre os paramos  
se rasgam novos ás visões do peito,  
que seio joven ouvirá sem preito  
as leves notas do teu som d'amor?!...

Erguei, ó noivos, essa frente púdica,  
 pulse com força vosso peito ansioso!  
 Sois um do outro: infinito gozo  
 acena agora no porvir feliz.  
 Erguei a frente, que vos fitam soffregas  
 todas as vistas do cortejo immenso!  
 Deoses da festa, requeimae o incenso  
 d'esse louvor nos corações febris!...



Da egreja no pavimento  
 batera lugubre grito...  
 Ó meu Deos, que soffrimento  
 pesado, intenso, infinito  
 vai na concisa elegia  
 d'esse gemer! Certo havia  
 ruina inteira d'um scio,  
 que se quebrou pelo meio  
 naquelle grito infernal.

Trocou-se o prazer da boda,  
 incendiada ha pouco toda  
 numa harmonia tão leda,

por alarido geral,  
 como d'um raio na queda;  
 que jaz um vulto no chão...

Silencio! Por caridade  
 pedi a Deos essa vida,  
 que é da pobre Margarida.  
 Orae, orae com fervor,  
 ou algum raio aniquila  
 em todos vós a maldade:  
 pois quando um anjo vacilla,  
 accende a ira o Senhor.  
 Se existe um crime no mundo  
 que aos anjos guerra assim trama,  
 que esse outro reptil immundo,  
 para nossa redempção,  
 não saía nunca da lama...

Prostrae-vos todos no chão!

Silencio! Qual esse ousado  
 que assim profana de perto  
 aquelle grito magoado?  
 Oh! sim, és tu, desgraçado!

Ai! pobre de ti, Alberto!  
Eu bem vejo que tormento  
te ruge em ondas no peito;  
mas Deos não perde um momento  
que não subverta desfeito  
de qualquer anjo o assassino.

Silencio! A dor d'esse pobre  
que se quebrou no destino  
da sua senda d'abrolhos,  
deve achar echo nos peitos,  
deve ter pranto nos olhos.

Lança Alberto o olhar absorto,  
mais e mais empallidece,  
Gelado, em pé, semi-morto,  
estranho a tudo, parece  
vergado já sob o pêso  
da tremenda punição.  
Fita ainda o olhar, acceso  
na ardentia do delirio,  
sobre a estatua do martyrio  
que jaz cahida no chão.  
Recruza-lhe sobre a frente

em relampago infernal  
nem sei se o remorso ardente  
ou se a loueura fatal.

Depois, como que levado  
por electrica moção,  
tombou de chofre no chão  
ao pé da estatua cahida.  
Estuda em fundo martyrio  
essa frente amortecida;  
as mãos lhe aperta em delirio,  
e, entre os prantos magoados,  
ainda um resto de vida  
lhe sai dos labios gelados:

«Perdôa, Margarida; tem piedade  
do fogo que me queima o coração!  
Volta á vida, mulher, por caridade...  
Eu não posso viver sem teu perdão,

«e sei que perdoavas o meu crime;  
que estou bem castigado neste inferno  
que sinto dentro d'alma, e que me opprime  
na ardente chamma d'un pungir eterno.

«Não perdôa talvez Deos ao malvado  
que tem de castigar: mas tu és boa;  
e, perdoando tu ao desgraçado,  
eu creio até que Deos tambem perdôa.

«Que é grande a minha culpa eu bem conheço  
na dor que me consome. Fui na frente,  
onde a luz d'anjos realçava o preço,  
cuspir a baba de cruel serpente!

«Mas perdôa-me tu: por Deos t'o rogo;  
que talvez fosse a sina d'esta vida  
que me perdeu; e eu morro d'este fogo,  
se tu me não perdôas, Margarida.»

Cruzou no rosto amortecido e pallido  
da pobre inerte, nesse chão cahida,  
subtil vislumbre que semelha a vida,  
e os labios roxós descerrou tambem.  
Aos olhos veiu-lhe um fugaz relampago...  
Talvez que Deos lhe reanimasse a frente,  
milagre novo, resurgindo um ente  
para descanso d'esse pobre alem.

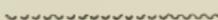
«Adeos, Alberto!... Não chores!

Foi maldicta aquella sina  
que nos junctou na collina  
do mesmo abysmo infernal.

Que Deos perdõe, se ha crime,  
e se não foi o meu fado  
que te perdeu, desgraçado,  
ao meu contacto fatal.

«Pede ao céo que te desconte,  
por meu viver de torturas,  
esse calyx d'amarguras  
que te promette o porvir...

Porem não chores, que eu sinto,  
ao ver-te o pranto nos olhos,  
mais agudos os abrolhos  
d' esta existencia a partir.»



Passara longo tempo. A estancia lugubre  
foi-se despovoando pouco e pouco.  
Ia morrendo a luz. Olhar de louco,

o rosto de medonha contractão,  
 acurvara-se Alberto sobre o marmore,  
 ao pé d'esse anjo que deixara a vida,  
 cingindo as frias mãos de Margarida  
 em delirio febril ao coração.

Outro anjo proximo, inundado em lagrimas,  
 livido, absorto, descalhada a frente,  
 no véo d'esse mysterio vê sómente  
 que a ventura lhe morre alli tambem.  
 Ai! victima innocente, negro horoscopo  
 te arrebatada na queda do teu noivo!  
 Tu foste como a triste flor do goivo,  
 que á lousa funeral prender-se vem.

Convulso choro lhe rebenta indomito;  
 a frente aperta, represando as dores.  
 Os olhos fita no estendal d'horrores  
 que tem diante; e a definhada tez  
 de cadaver se torna. Emfim galvanico  
 tremor nervoso lhe sacode o seio;  
 debruçou-se no chão, e em pranto cheio  
 regou o pobre que lhe estava aos pés.

«Ó meu Deus, que immenso crime  
eu tive para contigo!

Para tão grande castigo  
que mal a pobre te fez?...»

E após um fundo silencio,  
conchegando-se mais perto:

«Não me conheces, Alberto?...»

Sou Adelaide, não vês?...»

Galvanisou-se o triste. A luz d'um raio  
faisca-lhe no olhar; contrahe a frente;  
e, do delirio ao fogo escandescente,  
se retrahiu ao proximo desmaio.

Fitou por longo espaço  
essa Adelaide que chorava ao pé;  
e depois, despertando do cansaço  
que o marasmara em sepulchral quebranto:

«Quem é

que me vem acordar com esse pranto

a noiva adormecida sobre o leito?

Silencio! que a folia do noivado

mal a deixou dormir, e sobre o peito

domina-me o cuidado

do pobre archanjo que roubei ao céu!  
 Ah! sim, és tu... Que vem fazer, senhora,  
 entre o festim das bodas? Não perdeu  
 esse desejo de arrancar-me d'alma  
 o pobre lyrio que a raiz yigora  
   do meu amor na calma?...»

A vista incerta se aclarou um pouco:  
 sobre o rosto veloz transformação  
 se estampara tambem; ao olhar de louco  
 succedera mortal resignação.

«Por Deos, perdôa, Adelaide,  
 o meu delirio de ha pouco.  
 Sinto que o fogo de louco  
 me requeimava infernal.  
 Parece-me vir d'um sonho,  
 em que senti sobre o peito  
 o frio marmor do leito  
 na jazida funeral.

«Por tua causa, Adelaide,  
 quebro a lousa do jazigo,

para abraçar-me contigo  
no mesmo abraço de dor...  
Somos dois astros perdidos!  
Tu que a minha orbita enreda;  
eu a arrastar-te na queda  
do meu destino traidor!

«Vivamos pois d'este inferno,  
cavado aos pés um abysmo!  
Talvez eu ache o baptismo  
nesse teu pranto, infeliz.  
Grande é a pena que mereço;  
mas talvez Deos, que me sente,  
por tua cruz, innocente,  
perdôe o crime que fiz!»

---

Eis percorrido o estadio. Por despojo  
um cadaver nos fica sobre a arena.  
Cançados da batalha,



Depois quiz ir pedir ao cemiterio  
de seus já mortos paes a sepultura  
para o filho maldicto;  
para que ao menos o ultimo er'miterio  
da expiação, lhe fosse a terra pura  
do seu primeiro grito.

Mandara Deos porem libar o cumulo  
da dor ao infeliz! Se o proprio em vida  
tinha o abysmo cavado,  
era tambem mister gravar no tumulo  
inda extremo signal da mão erguida,  
que fulmina o peccado.

Arrojara-o por isso a tempestade  
sobre a praia — que até nem para vasa  
sorvel-o o mar quizera —  
para ter por escarneo da saudade  
as lagrimas da espuma, que extravasa  
como elle a sua esphera...



Ergamos uma cruz sobre esta areia;  
que jaz aqui o pobre sem um pranto!...

Por supplice oração  
que Deos accite a dor que me lancêa:  
por incenso os suspiros; e o meu canto  
por cantico d'irmão.



FIM.

# INDICE

---

	Pag.
CANTO I — O Naufragio.....	1
CANTO II — Estrellas e Flores.....	17
CANTO III — O Adeos.....	37
CANTO IV — A Batalha.....	51
CANTO V — Orvalho Celeste.....	69
CANTO VI — Sobre o Lago.....	89
CANTO VII — A Via Dolorosa.....	111
CANTO VIII — O Abysmo.....	129

---





